



NO PRINCÍPIO, AGORA E SEMPRE..

amor



Ricardo Biazotto



DEPARTAMENTO DE
CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



© Ricardo Biazotto, 2021

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de
19/12/1998.

Análise do original: E. G. Rissato

Revisão: Jeniffer Tavares Viana

Diagramação: Gilberto Martins Neto

Capa: Bruna Mazarin e Maria Fernanda Mazarin

Foto: Carla Tuma Delbin

Projeto realizado com o apoio do Município de Espírito Santo do
Pinhal por meio do Departamento de Cultura e dos recursos federais
da Lei Aldir Blanc (14.017/2020).

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou armazenada
por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem a
permissão por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Biazotto, Ricardo

No princípio, agora e sempre... amor [livro eletrônico] / Ricardo
Biazotto. -- 1. ed. -- Espírito Santo do Pinhal, SP : Ed. do Autor, 2021.
PDF

ISBN 978-65-00-20089-8

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras I. Título.

21-61118

CDD-B869.3

B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3
2. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

*Dedico este livro àqueles que perderam seus
amores durante a pandemia, aos profissionais
da linha de frente na luta contra a Covid-19
e aos artistas impedidos de expressarem sua
arte em tempos pandêmicos.*

*Ao João Acaiabe, maior artista da história
de Pinhal, por me inspirar a contar histórias
e alegrar a infância de muitas gerações. Até
breve, tio Barnabé!*

*Ame primeiro
Diga depois
E quando dizer “te amo”, ame
Como no princípio
Agora e sempre...
Amém*

E sempre – Rosa de Saron

Sumário

Princípio...

Amantikyr	13
-----------------	----

Agora...

No princípio, agora e sempre... amor!.....	23
Quem sabe um dia	27
Libertação.....	31
Presente de Deus.....	41
Por nós dois	45
Logo após o temporal	49
Por você	57
Pela eternidade.....	59
Amor Efêmero.....	67
Verdadeira Essência	69
Diga apenas sim!	77
Te encontrar em sonhos	83
Dicionário da Saudade	87
Talvez Gabriela.....	89
Eu odeio te amar	93
Luta pela liberdade.....	95
Último adeus	109
À primeira vista.....	113
Fio Vermelho	115

Sempre...

Reencontro 119

Me leve agora! 127

Trilha sonora

Agradecimentos

Ricardo Biazotto

Principio...

Amantikyr

No princípio Deus criou as terras indígenas e viu que aquilo era bom. Observando de longe, sentado em seu trono celestial, Ele sorriu ao notar que aqueles homens e mulheres cultivavam um amor incomum pela natureza. Mesmo sem a interferência divina, os índios cuidavam de suas terras com esmero, jamais interferindo na harmonia entre a fauna e a flora.

A relação saudável dos povos indígenas com as águas, as árvores e os animais encheu Deus de orgulho, porém Ele sabia que a sua criação humana era passível de falhas, por isso se manifestou na forma de trovão para mostrar aos índios da tribo tupi-guarani que precisavam respeitar uns aos outros. Como forma de respeito ao desconhecido, eles chamaram a manifestação ensurdecidora de Tupã.

Os ruídos distantes de Tupã eram capazes de assustar e de colocar todos os moradores da tribo em rédea curta. A exceção era uma bela e formosa índia, a quem o tempo tratou de roubar o nome e as lembranças de sua verdadeira face.

Conta a lenda que a beleza da índia era exuberante; seus traços delicados e sensuais despertavam os olhares apaixonados de toda a aldeia. Os índios passavam horas tentando cortejar e conquistar a donzela, porém seu coração estava destinado a um único e verdadeiro amor. Era como se uma flecha encan-

tada de Rudá, o deus do amor, tivesse atingido o peito dessa mulher encantadora, acendendo nela a chama da eterna paixão.

Seus sentimentos eram verdadeiros e ela sequer conseguia fechar os olhos para o descanso noturno, pois aguardava com ansiedade o amanhecer. Sem que ninguém percebesse, a índia saía escondida da oca e corria à nascente do rio, onde, deitada no alto de uma rocha, esperava por seu grande amor.

Enquanto a aldeia dormia, a índia alisava os longos e sedosos cabelos negros. Ela assistia encantada ao nascer do sol e cantava em direção ao céu:

— Ó Guaraci, meu amado sol, te desejo do fundo de minh'alma...

Para a infelicidade da índia, Guaraci não se importava com as declarações de amor dela. No fim, a estrela central do Sistema Solar a ignorava da mesma forma que a mulher estava acostumada a ignorar os homens apaixonados.

A rejeição diária do sol deixava a índia em prantos. Com os olhos marejados, sentindo a incontrolável dor de um amor renegado, a bela mulher retornava à sua aldeia ao fim do dia e se entregava ao interminável choro de decepção enquanto esperava o fim de mais uma noite para que pudesse voltar à sua missão diária...

...

Muito tempo depois, não suportando mais a ideia de ser ignorada por Guaraci, a índia decidiu se despir de suas poucas vestes, deixando o corpo curvilíneo completamente nu como

se soubesse que a harmonia entre a sua beleza e a natureza atrairia o olhar do astro-rei.

Com o corpo desnudo, ela se deitou sobre uma rocha, olhou para os céus e clamou pela atenção do astro celeste, cantando com a mesma voz doce e sensual de todos os dias:

— Ó Guaraci, meu amado sol, grande guerreiro do cocar de fogo, eu entrego o meu corpo a ti... apenas aceite o meu amor.

A proposta da índia despertou a atenção do alvo. Mesmo em seu esplendor, ele ouviu as doces palavras com interesse e resolveu se aproximar da mulher, curioso para compreender o verdadeiro significado do que lhe prometia. Quando os dois ficaram próximos pela primeira vez, um forte calor emanou dos raios de luz de Guaraci.

Esboçando um leve sorriso, ele ficou diante da índia e colocou uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. Acariciando a pele avermelhada da mulher e transmitindo delicadeza pela voz grave, o astro celeste disse:

— Vejo que tenho passado todos esses dias evitando alguém de beleza incomparável.

— Achei que nunca teria olhos para mim — a índia respondeu, cobrindo a pele nua e disfarçando a vergonha de estar tão exposta.

— Eu nunca pensei em um dia desejar essas mudanças...

— Isso quer dizer que agora deseja que isso aconteça?

A empolgação da índia ficou evidente por seus pulinhos de alegria, porém logo se desmanchou com a resposta de Guaraci:

— Não, sinto muito... — ele fez uma pausa triste. — Não posso me entregar aos meus desejos, mas prometo nunca esquecer...

— Esquecer o que, meu amado Guaraci? — ela o interrompeu com ansiedade.

— O gosto de seus lábios e o perfume de sua pele...

As palavras de Guaraci se desmancharam quando beijou os lábios da índia, selando o inesquecível encontro entre o imponente guerreiro do cocar de fogo e sua bela princesa da mata.

...

Ao criar a terra, os primeiros moradores e um astro para governar o dia, Deus resolveu separar o dia da noite e criou um astro menor para fazer o mesmo com a escuridão noturna... alguém com a paz e a serenidade de que os homens precisavam para o descanso diário.

Assim, Deus criou a lua, chamada pelos tupis de Jaci, e viu que aquilo era bom.

Desde o princípio, Deus firmou um acordo entre Jaci e Guaraci. Eles prometeram não interferir nos destinos das criaturas da terra, porém o trato foi além e Guaraci jurou não atrapalhar a noite governada por Jaci desde que ela não quisesse, em hipótese alguma, chegar ao trono do firmamento antes da hora marcada.

O que ninguém jamais imaginou era que, por amor a uma bela índia, Guaraci quebraria o próprio acordo, passando a iluminar dias e noites contra a vontade de sua eterna companheira.

A partir desse momento, a luz emanada de Guaraci impediu que Jaci governasse a noite, mas o que a deixava incomodada era perceber a destruição que aquele amor improvável causa-

va nos seres criados por Tupã. Os animais mortos pelas altas temperaturas não eram mais fonte de alimento para os humanos; os leitos dos rios secavam à medida que o calor se intensificava; sem a água, recurso necessário para toda a vida, as plantações morreram; e, por fim, os próprios índios começaram a padecer.

Era uma destruição em massa, porém nada parecia importar para Guaraci.

Desesperada com a situação, Jaci refletiu aos prantos e percebeu que precisava tomar uma providência, caso contrário estaria renegando os poderes que recebeu no momento de sua criação. Pensando nisso, ela correu até o templo de Tupã para clamar por piedade.

O criador dos povos tupis a recebeu com repreensão:

— O que está fazendo aqui, Jaci? Esqueceu o seu acordo de governar a noite?

— Perdão, Tupã... — ela fez uma pausa para secar as lágrimas e tomar fôlego. — Algo muito grave está... você precisa interferir antes que uma tragédia ainda maior aconteça.

— Do que está falando? — Tupã respondeu com um grito ensurdecedor. Raios saíram de suas mãos e o som do trovão causou espanto em Jaci.

Ainda com lágrimas nos olhos, ela controlou suas palavras e, por medo de uma reação violenta de Tupã, explicou o que estava acontecendo com riqueza de detalhes. Ao ouvir o relato, o deus do trovão questionou:

— Tem certeza de que sua reação não é fruto do ciúme que sempre sentiu?

— Claro que não, juro que é real... Saia de seu templo e veja com seus próprios olhos.

— Não sei se acredito em você. Tenho motivos para duvidar, não acha?

— Vai esperar uma tragédia acontecer? — mesmo temerosa, Jaci desafiou o seu criador. — Essa vai ser a atitude de Tupã, o temido deus do trovão?

Ouvir a voz desafiadora de Jaci deixou Tupã atormentado. Ele então deu as costas para a lua e saiu imediatamente do templo para conferir com os próprios olhos divinos o que estava acontecendo de tão terrível entre as suas criaturas.

Quando Tupã se aproximou de Guaraci, pôde ver o guerreiro abraçado a uma índia. O astro celeste acariciava a pele da mulher e fazia declarações que saíam apenas da boca de um eterno apaixonado. A situação deixou o criador nervoso e fora de si. Nunca em toda a existência se ouviu tantos trovões. Com as pupilas dilatadas, ele parecia um animal prestes a atacar sua presa.

Sem dar chance de uma explicação ao casal apaixonado, Tupã chamou seus servos e ordenou em um tom autoritário:

— Quero que uma enorme montanha seja erguida e que essa índia seja colocada em seu interior. Ela deve permanecer ali até o fim dos tempos, longe dos olhos de Guaraci.

Ao final das palavras de Tupã, uma enorme montanha se ergueu como em um passe de mágica. Protegidos pela força divina do criador, os servos do deus do trovão se aproximaram do casal, pegaram a índia contra a sua vontade e a levaram ao interior da montanha em meio à fúria de Guaraci. Eles ainda

podiam ouvir a amada do guerreiro aos prantos quando retornaram.

Enquanto isso, apesar de todo o seu amor pelo companheiro, Jaci não conseguia compreender como Tupã pôde perdoar o astro-rei tão facilmente. Achando estranho que o guerreiro do cocar de fogo não sofresse consequências por seus atos, ela se aproximou e perguntou:

— E quanto a Guaraci?

— Jaci, Jaci... não existe castigo maior que a perda de um verdadeiro amor. Nenhuma criatura na face da terra merece viver a eternidade longe de sua cara metade... Veja quanta tristeza essa separação causou. Tem alguma dúvida de que se trata de um castigo justo?

— Depois de toda a destruição que eles causaram, o único castigo será colocar essa mulher dentro de uma montanha? Isso é justiça para você, Tupã?

Tupã refletiu por breves instantes como se pensasse em uma punição que pudesse evitar novos acontecimentos semelhantes. Por fim, ele respondeu:

— Talvez tenha razão, Jaci! Veja bem... — fez uma pausa. — Graças a esse amor proibido, essas terras serão amaldiçoadas até o dia em que cessar o choro da índia. Apenas quando o sol se desculpar e aquela mulher aceitar as consequências de seus atos é que a felicidade retornará a este lugar. Os dois serão os responsáveis por todo o mal que porventura surgir aqui!

— E quanto a mim? Guaraci será capaz de me perdoar?

— Não tema uma represália, amada lua, pois fez o que era correto. Agora vá, você ainda deve governar o resto desta noite e deixar que Guaraci volte à sua missão ao amanhecer.

Como Jaci temia, Guaraci não foi capaz de liberar o perdão dela e a partir daquele dia seus únicos encontros foram nos raros eclipses que embelezavam o firmamento. Nesses momentos, a lua tentava argumentar e reconquistar o carinho de seu amado guerreiro do cocar de fogo, mas todas as suas investidas eram em vão.

Ao final de cada encontro, as lágrimas de Jaci davam origem às estrelas no céu, tornando a noite mais brilhante e fonte de inspiração para os poetas apaixonados, que passaram a encontrar na beleza lunar um estímulo para os versos de suas obras de amor. A índia, por sua vez, continuou chorando copiosamente o trágico fim e, por isso, suas lágrimas fizeram nascer todos os rios que cortam a montanha.

Amaldiçoada por Tupã, a montanha recebeu o nome de Amantikir

Serra da Mantiqueira...

A serra que chora...

Agora...

No princípio, agora e sempre... amor!

*Você nunca perde por amar. Perde por guardar
o amor. O amor é muito sério para ser retido
em vão. Então, ame*
(E sempre – Rosa de Saron)

Sempre acreditei em contos de fadas com finais felizes. Apesar de todas as dores do destino, acreditei também que o meu surgiria após a tempestade como um pote de ouro no fim de um arco-íris; como um tesouro mantido em segredo pelos deuses para ser encontrado no momento certo e ao lado da pessoa certa.

Eu imaginei que o meu final feliz seria ao lado de uma mulher que teria em seus olhos a esperança de uma vida inteira comigo. Nos meus mais infinitos sonhos, imaginei o fim da minha vida exatamente como agora: sentado na calçada com os pés descalços, admirando o pôr do sol de uma tarde quente e ensolarada de verão. É um momento de recordações de toda uma vida; recordações para não esquecer jamais...

— Em pensar que tudo começou tão por acaso... — ela diz com uma voz calma e doce.

Sentada ao meu lado e com as mãos pousadas sobre as minhas, ela talvez tenha os pensamentos perdidos nas mesmas

recordações de um passado distante, em que tudo parecia conturbado pelas incertezas de uma vida cheia de lágrimas e decepções. Foi em meio à tempestade de nossas mais intensas dores que nos encontramos para uma inesperada missão e aceitamos que a partir dali tudo seria diferente.

Hoje nossos rostos carregam as marcas do tempo, mas a sua beleza continua angelical, com os traços cuidadosamente desenhados por Deus e com a mesma beleza do dia em que me apaixonei, porém os sentimentos por ela são cada vez maiores... mais sinceros... mais intensos.

A calma que preenche meu peito ao ver o seu olhar penetrante e acalentador se intensifica ao ser presenteado com o mesmo sorriso tímido que um dia me fascinou e que hoje dá razão ao meu existir. Estar ao lado dela me permite sentir a simplicidade e a alegria de viver o paraíso na terra, sempre agradecendo uma, duas, três vezes mais a oportunidade de reencontrar ao seu lado o sentido de tudo.

Ninguém poderia imaginar que duas almas perdidas no submundo das decepções se encontrariam... menos ainda que permaneceriam com as mãos entrelaçadas durante décadas de alegrias e tristezas, lágrimas e sorrisos. Se ainda estamos juntos aqui é porque um dia nos encontramos e aceitamos a nossa necessidade de amor, abandonando o passado e ignorando os temores para semearmos a paixão até que florescesse em nossos corações.

Só assim foi possível viver o amor do princípio, agora e sempre...

— Você imaginou um dia ficarmos velhinhos juntos? — não evito estampar um sorriso no rosto ao perguntar a ela.

— Nem em meus mais profundos sonhos.

Ao responder, ela deita sua cabeça em meu ombro. A simplicidade desse gesto me lembra todo o receio e dúvidas que um dia atormentaram os nossos corações, deixando uma incógnita sobre arriscar ou não uma nova tentativa de amar. Com sua frase, um filme passa por meus olhos e, em meros instantes, vislumbro todos os sonhos que realizamos juntos, todas as experiências que fizemos lado a lado ao longo desses anos.

— Valeu a pena se entregar a esse amor?

— Eu repetiria isso mais mil vezes para continuar ao seu lado.

— Eu também!

— Então você ainda aceita o amor?

— Sempre!



*Acesse o QR Code e conheça a música
“E sempre” (Rosa de Saron)*

Quem sabe um dia

— Queria entender como uma coisa tão errada pode parecer tão certa assim.

— Está dizendo que eu sou um erro?

— Não, estou dizendo que você foi o maior acerto entre todos os meus erros, mas que não deveria sentir isso. Sei que sou incapaz de te conquistar, sou insuficiente pra você e pra qualquer mulher, mas em teus olhos encontrei a esperança do improvável; em teu sorriso, a expectativa do incerto; em tua voz, a calma para os dias como hoje: nublados e com tamanha desesperança. Em você... eu o encontrei.

— Encontrou o quê?

— O verbo... e o verbo era amar. Amar a sua inocência; amar a felicidade no brilho de olhos tão ternos e carregados pelas singelas marcas de uma criatura divina; amar a mais perfeita das mulheres.

— A minha vida é toda errada, estou longe de ser assim como me descreve...

— Aí é que você se engana. Teu nome é sinônimo de perfeição e sou capaz de provar isso todos os dias sem medo de falhar.

— Dois dias ao meu lado e você muda de ideia.

— Jamais...

— Sou chata, briguenta, ciumenta, preguiçosa... eu sequer sou bonita... você precisa aceitar que não te mereço, ou melhor, você não merece alguém como eu...

— Essa é a maior mentira do mundo e eu posso provar. Fica ao meu lado por dois dias e ao final desse tempo vou te querer por mais dois anos.

— Não sei não...

— Nem mesmo duas vidas ao seu lado seriam suficientes. Se hoje renascesse em uma nova vida, ainda assim desejaria te encontrar. Desejaria do fundo do meu coração conhecer, mais uma vez, a doce menina que transformou o significado da palavra felicidade. Mais do que isso: eu me encantaria de novo pelas falhas e pelos defeitos responsáveis por te tornar diferenciada, alguém que emana a luz dos sentimentos bons espalhados por todo o mundo. Alguém que é simplesmente você!

— Não consigo me ver assim. Sou apenas uma menina boba, destruída pelo amor e desesperançada com a possibilidade de o reencontrar. Não sirvo mais pra isso...

— Está dizendo que nós...

— Não existe nós. Sou incapaz de amar alguém nesse momento. Se deixar que isso aconteça, vou apenas abrir cicatrizes em nós dois e isso vai nos fazer sangrar pouco a pouco. No fim, o que tem aqui dentro será apenas um pedaço de músculo pulsante e não desejo isso pra ninguém.

— Não consigo acreditar que será assim... tenho fé em que as coisas vão ser diferentes pra nós dois... dessa vez eu vou acertar em minha escolha e você também. Eu juro! Acredito nisso como no ar que respiramos.

— Para de ser assim!

— Eu...

— Por favor, você precisa ter controle emocional pra não se machucar.

— Quer dizer que devo aceitar que somos apenas amigos?

— Sim. Bons amigos!

— Não sei se eu con...

— Não complete essa frase!

— Não queria que as coisas fossem assim, me desculpa...

— Não me peça desculpas... assim fico triste e você sabe disso.

— Hoje não sei o que sentir... não sei o que pensar... sei apenas pedir perdão.

— ...

— Será que um dia a gente vai se reencontrar, dessa vez no momento certo?

— Não sei. Quem sabe um dia...

Libertação

*Mas se você estiver escutando nossa música,
essa noite eu já estarei feliz*
(Nossa Música – CPM 22)

I

Os olhos úmidos não me deixam negar: essa é a decisão mais difícil da minha vida. Sei que não é correta, mas passou da hora de fazer alguma coisa — ainda que o amor por Renato continue como no dia do nosso primeiro beijo.

Como se o destino não me deixasse partir, encontro uma foto no fundo da gaveta do guarda-roupa e, por meros instantes, observo como éramos felizes. O tempo perdido foi suficiente para o que mais temia acontecesse. Minhas pernas bambeiam quando ouço sua voz rouca:

— O que são essas malas, Fernanda? — ele está parado sob o batente da porta e sua aparência é deplorável. — Você está pensando em ir embora?

— Não consigo mais... não com você fazendo isso...

Não sou capaz de olhar em seus olhos e dizer o que estou sentindo. Nem deveria me sentir assim, mas depois da última discussão tudo se tornou mais forte do que eu...

— Vai me abandonar nesse momento difícil?

— Não fale isso.

— Por favor, não quebre o *contrato*.

— Não vou quebrar, mas não posso continuar assim...

Não é exagero dizer ser incapaz de continuar, principalmente depois de seus pedidos diários. *Não vou quebrar a promessa, mas tudo tem limite*, refleti enquanto esperava pela única frase que me faria mudar de ideia.

A frase que jamais saiu de sua boca...

II

Alguns meses depois...

Começo a ler a carta e fico sem reação. Não é a primeira vez que Renato pede que me entreguem uma, porém agora suas palavras são mais intensas. Minha vontade é entrar no carro para voltar à cidade com o objetivo de o encontrar e o obrigar a pedir desculpas por insistir em sua ideia, mas busco relaxar na calmaria do nosso sítio, que desde a despedida se tornou o meu único refúgio.

O que me impede de sair como uma louca é que o lugar o traz de volta aos meus pensamentos; isso me mantém calma. Tudo ali se encaixa com nossa história: o jardim que montamos escolhendo e plantando cada flor; os animais que cuidamos com carinho como se fossem filhos; e as paisagens que se transformaram em cenários para encontros românticos.

Seria possível narrar cada lembrança que o sítio traz à tona, mas não é o que gostaria. No fundo, queria compreender por que, depois de tudo, estou sozinha e tentando não cair no cho-

ro, desesperada por não ter sido capaz de mudar o rumo dessa história.

Mas cada lembrança prova que o fim estava destinado a ser esse: dois amantes perdidos em seus sentimentos e distantes por não serem capazes de lidar como adultos com problemas, medos e diferenças.

As diferenças sempre foram um empecilho, por isso relutei antes de me entregar aos desejos. No início, tudo parecia ser um grande desafio: além dos oito anos de diferença, nossos estilos musicais eram opostos — como ele pode ouvir rock e não curtir uma balada sertaneja? — e as formas de ver e levar a vida, o que parecia ser um prenúncio de que o *nós* jamais seria possível.

A não ser que o amor fosse maior que tudo. Maior que o mundo.

III

Lembro, como se fosse ontem, o dia em que nos acertamos: era uma sexta-feira estrelada e nos encontramos no corredor, após a última prova do bimestre, para um papo despretenso com os colegas de turma. Todos estavam ansiosos para ir embora e não demorou para ficarmos sozinhos... acompanhados apenas dos sentimentos e desejos que insistiam em levar um ao encontro do outro.

Nenhum de nós imaginava que naquela noite nossos lábios se encontrariam para um beijo intenso. Poderíamos imaginar menos ainda a promessa que encerraria o dia: jamais deixar a

chama do amor se apagar e lutar para permanecermos juntos até o fim.

Mesmo tantos anos depois, ainda posso ver Renato sentado ao meu lado e sorrindo ao questionar:

— Você vai aguentar ficar comigo todo esse tempo?

— Criatura, você não entendeu onde quero chegar.

— Posso saber onde? — disse e me abraçou de lado.

— *Eu vou fazer um contrato. Se liga nas cláusulas, assina embaixo e não muda nada.*

Tirei o celular do bolso e procurei a música de Jorge e Mateus que se tornou nossa trilha sonora. Depois que Renato a ouviu, expliquei que se aceitasse, a partir daquele dia estaríamos presos um ao outro através de um contrato impossível de se romper... o documento tinha como cláusula que apenas a morte nos separaria.

— Onde eu assino? — quis saber.

Mais de dez anos depois, e com a carta amassada em minhas mãos, não acredito no que Renato está me pedindo. Era como se tudo não tivesse importância; era como se ele tivesse esquecido que um dia jurou estar ao meu lado até o fim.

Fernanda,

Se um dia receber esta carta é porque tudo saiu do controle. Saiba que desisti no exato instante em que foi embora, mas percebi tarde demais que ainda era possível corrigir meus pensamentos. Agora não há nada que possa fazer - você sabe do que estou falando -, por isso

preciso que me ajude. Pelo amor que sentimos um pelo outro, ajude esse cara que chegou ao seu limite...

Sem ter dúvidas de que suas próximas palavras serão duras, não concluo a leitura por medo de isso terminar de me destruir. Então decido ir ao encontro de Renato. Talvez não o possa ajudar, mas alguma coisa deve estar ao meu alcance.

Preciso encarar seus olhos castanhos mesmo sabendo que refletirão uma dor imensurável; a dor de quem está entre a vida e a morte.

IV

Uma angústia sem fim toma conta do meu peito ao percorrer os corredores gelados do hospital. É a primeira vez que o visito desde a sua internação, mas como meus pensamentos estavam voltados a esse lugar, é como se tivesse passado todo o tempo ao lado dele, cuidando de sua saúde como um dia prometi diante de Deus e de todos os nossos familiares.

Quando entro no quarto, percebo como ele está sofrendo as consequências de um câncer na próstata que se espalhou pelo corpo. Notar Renato em sua solidão me faz entender que meu erro foi tão grande quanto o dele, mesmo que quisesse apenas o obrigar a cuidar da sua saúde. Uma chantagista da pior espécie, eu sei, mas não poderia continuar ao lado do meu marido ouvindo que preferia morrer de uma vez ao invés de passar por um tratamento que o mataria aos poucos.

Foi por amor que o deixei e é por amor que acaricio suas mãos magras querendo demonstrar que, apesar dos erros, estava ao seu lado e o amava com todas as forças.

— Amor... Sinto muito...

Seus olhos se abrem ao ouvir minha voz triste. Ele está irreconhecível, aparentando ser ao menos trinta anos mais velho, e então me pergunto por que um homem especial pode passar por tamanho sofrimento.

— Você não merecia isso, príncipe...

V

Estava ao lado dele quando descobriu o resultado dos exames. O médico tinha alertado a possibilidade do câncer, mas por alguns dias restou um fio de esperança... até o chão desabar com o que mais temíamos.

— Ele nem completou quarenta anos, doutor. Tem algo errado...

— É raro, mas acontece. Vamos iniciar o tratamento imediatamente; estou confiante.

Um silêncio tomou conta da sala enquanto ele lidava com a descoberta da doença.

— Não vou poder mais ter filhos? — compreendia sua preocupação; finalmente estávamos decididos a ter filhos e agora ele estava nessa situação.

— A infertilidade é possível — a resposta do médico não me convenceu; sabia que estava omitindo a verdade.

Renato então se levantou, olhou profundamente em meus olhos e clamou:

— Amor, desculpa não ter te dado filhos antes...

Sem esperar uma resposta, ele deu as costas e saiu da sala. Voltei a ver o meu marido apenas no dia seguinte. Como de costume, fui acordada com um beijo, mas suas palavras me causaram espanto:

— Preciso que me prometa uma coisa.

— Só se você aceitar o trat... — ele me interrompeu.

— Se um dia eu estiver sofrendo muito, quero que faça alguma coisa...

— Como assim?

— Quero morrer, Fernanda.

Suas palavras foram como um punhal cravado no meu peito. *Ele está louco*, deduzi ao ver Renato mais uma vez me dando as costas, como se suas palavras fossem tão normais quanto o beijo de um casal apaixonado.

VI

Um embate mental me deixa sem saber o que fazer. Como pessoa, não posso pensar na possibilidade de realizar seu pedido; como esposa que sabe o quanto ele espera por aquilo, devo pensar uma, duas ou três vezes mais.

Quando saí do sítio, estava decidida a não cometer nenhuma loucura, mas basta olhar para ele, deitado em seu leito solitário e resistindo à dor graças ao efeito da morfina excessiva, para começar a mudar de ideia. Isso se intensifica na troca de olhares: vejo em seus olhos um sofrimento sem igual.

Seus olhos estavam sem vida, porém suplicavam por um fim.

Sem medir as consequências, tiro o celular do bolso como no dia do primeiro beijo, procuro pela *nossa música* e divido o fone de ouvido como em tantas oportunidades.

Lágrimas percorrem seu rosto magro ao ouvir a música e balançar a cabeça de forma positiva. Com dificuldade, ele sussurra:

— Te amo...

— Também te amo, príncipe.

Como em um filme de terror, pego um travesseiro e, aos prantos, encontrando forças não sei de onde, sufoco o amor da minha vida e tento ignorar a crueldade do ato pela libertação do sofrimento sem fim.

Essa era uma prova de amor torta, porém uma prova de amor.

Mesmo sendo seu último desejo, Renato instintivamente luta pela vida ao se debater enquanto tenta resistir à morte. Seu corpo mal tem forças para respirar, porém luta contra minha própria força e isso quase me faz mudar de ideia. *Para com isso*, uma voz grita no fundo da minha mente e me leva a um choro que quase me faz soltar as mãos.

Mas como desistir sabendo que essa é sua vontade?

Pensando nisso, continuo pressionando o travesseiro contra o homem que é a metade de mim para encerrar o seu sofrimento e romper com nossa história de forma trágica. Após alguns minutos, que parecem uma eternidade, percebo sua vida se esvaindo lentamente. Aos poucos, ele para de resistir e o medidor dos ritmos cardíacos logo ganha um bip inconfundível, anunciando o fim de sua dor; levando minha vontade de viver e deixando apenas a saudade.

Como uma assassina cruel, dou as costas ao corpo sem vida e saio do quarto ainda ouvindo a nossa música e sabendo que apesar de estar livre do contrato, jamais saberei lidar com o que fiz e com a ausência de quem um dia mais me fez sorrir.



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Nossa música” (CPM 22)*



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Contrato” (Jorge & Matheus)*

Presente de Deus

A ventania bagunça os meus cabelos enquanto o filme de toda a minha vida passa diante dos meus olhos. Embora não compreenda o que vejo, assisto a tudo com um gosto amargo na boca, pois conheço as tristes cenas diante de mim. Elas são de um roteiro de mau gosto escrito cuidadosamente pela tristeza, mas de repente, de uma forma estranha, as imagens revelam um final reconfortante do qual estou desacostumado.

Não sei por que estou aqui. Sinceramente não sei o que me fez aceitar o convite para uma aventura no meio do mato, mas algo me proibiu de dizer *não* ao gesto tão sincero de alguém que tinha acabado de conhecer. Apesar dos poucos dias de convivência, eu me sinto querido por ela, algo raro em minha costumeira rotina monótona. Deve ter alguma explicação para essa sensação capaz de esclarecer a mudança repentina do desfecho do filme, porém não afasta os pensamentos fervorosos perturbando a minha mente.

Os meus olhos se voltam ao horizonte e busco um sentido para tudo.

Estou acostumado com a solidão, porém essa tem sido uma manhã diferente. No alto do monte, sentado sobre uma pedra, desvio o olhar para uma árvore distante e fico com meus pensamentos perdidos; eu me sinto bem por estar aqui. Não sei como reagir, tampouco acredito ser merecedor da paz que de

repente toca o meu peito, por isso ainda tento compreender o sentimento de calma que me invade.

Se essa é uma amostra grátis da felicidade, quero, por tudo o que é mais sagrado, a oportunidade de beber dessa fonte para o resto da minha existência.

A calma me fez perder a noção do tempo. Não sei quantas horas se passaram — talvez uma ou duas —, mas gostaria de que a hora de voltar demorasse ainda mais para chegar. Seria capaz de parar o tempo e registrar o exato instante em que fui tomado pela leveza da alma. Tenho medo de amanhã ou depois tudo retornar ao normal... ou então de a dor estar me esperando na porta de casa com uma carranca no rosto e pronta para sugar novamente a felicidade que, por alguma explicação incompreensível, encontrei nessa manhã.

A partir do medo de a felicidade instantânea terminar, lembro como tudo começou. Dias atrás me entreguei a um choro silencioso, molhando o travesseiro com lágrimas de solidão, mas uma música soava em meus ouvidos: “agora que não posso caminhar, cuida de mim”.

Era uma oração sincera voltada para entregar as angústias que estava sentindo nas mãos de Deus, porém a certeza de uma providência divina me fez agradecer aos céus.

Agora percebo ser insuficiente ter essa atitude apenas com Deus. Sinto que estou na obrigação de agradecer à responsável por essa paz como se tivesse a convicção de que, mais do que um presente divino, ela traz consigo a presença Dele.

Em uma conversa com a intensidade de amigos que se conhecem desde sempre, sinto a necessidade de dizer palavras que

demonstrem gratidão por ela estar ao meu lado protagonizando um novo caminho esperançoso para o filme da minha vida.

Sem nem pensar duas vezes, deixo as palavras escaparem timidamente da minha boca:

— Mulher, posso te falar uma coisa...

— Claro que sim.

— Muito obrigado pelo melhor dia do ano... podemos repetir?!

— Sim, homem — responde empolgada e risonha —. Que tal amanhã?!

— Te encontro às sete, combinado?!

— Combinado!

Mulher: *s.f.* 1. ser celestial de traços angelicais que entra em nossas vidas para acalmar a tormenta. 2. um presente de Deus.



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Cuida de mim” (Rosa de Saron)*

Por nós dois

Olhei o céu estrelado numa noite de verão e pensei em você.

Você surgiu em meio às cinzas da angústia para preencher o meu vazio e me resgatar de toda uma vida em que ficamos distantes enquanto nos preparávamos para o aguardado encontro escrito nas estrelas desde o início dos tempos. Os belos traços de seu rosto se revelaram lentamente, como uma surpresa divina que deve ser conquistada dia após dia. No instante em que finalmente te vi no mundo real, sorri como um bobo apaixonado por encontrar a minha princesa.

Num dia, olhei o céu estrelado e senti medo de te perder.

Imaginei um relacionamento hipotético em que nossos dedos se entrelaçariam com toda a força de duas pessoas predestinadas a estarem juntas até depois da morte. Hoje peço perdão pelos planos que fiz sem nem ao menos te consultar, mas foi a forma que encontrei para deixar registrado em minha memória tudo o que ainda sonho em realizar ao seu lado, com a certeza de que juntos podemos vencer as dúvidas que nos impedem de seguir adiante.

Num dia, olhei o céu e tive medo de me declarar.

Sem saber como reagiria aos meus sentimentos, que se intensificaram a cada noite ao seu lado, preferi me calar e deixar subentendido o meu carinho, admiração, amor e desejo. Essas sensações me levaram a protagonizar sonhos de uma noite de verão e a imaginar a sua beleza como um presente dos deuses.

Foi ao perceber que tinha sido agraciado com a mais linda das mulheres que desisti do silêncio e busquei afirmar, reafirmar e confirmar tudo o que sinto por você.

Num dia, os nossos medos se encontraram e quase temi as consequências.

Sim, filha de Afrodite, por duas ou três noites o verão pareceu se aproximar do fim e achei que os nossos medos nos levariam ao adeus precoce; não soube como reagir. Tive receio de que o seu próprio medo te impedisse de se enxergar como uma vítima de Eros destinada a me encontrar para quem sabe dar uma nova chance à felicidade. Senti e lamentei que, por uma ironia do destino, o silêncio pudesse não me perdoar por declarar o quanto você é essencial em minha existência.

Num dia, o medo me levou ao abismo, mas não deixei que me calasse.

Ao contrário, resolvi encarar a verdade de que talvez, apenas talvez, os nossos temores e dúvidas nos preparariam armadilhas, de forma que teríamos de nos unir e encontrar forças em nossa união para desarmarmos cada emboscada. Não me importei com as dificuldades, afinal, por você vale a pena enfrentar qualquer batalha que me permita chegar à eternidade com os meus dedos ainda entrelaçados aos seus, vivendo toda a alegria pela qual um dia esperei.

Mesmo com tanto medo de te perder, ainda espero pelo dia que ouvirei de seus lábios doces um sim para a nossa felicidade. Espero por um encontro em que poderei olhar a sua alma na profundidade de seus olhos e clamarei que confie em mim, que me dê as suas mãos, que venha comigo ao encontro do pote de ouro no fim do arco-íris. Se ainda tiver dúvidas, insistirei uma

ou mil vezes, quantas forem necessárias, até que esteja preparada para me dizer o tão esperado sim!

O sim por nós dois.

O sim para nós dois...

Medo: *s. m.* estado que tira o meu sono toda vez que imagino minha vida sem você...

Logo após o temporal

*E mesmo assim, queria te perguntar, se você
tem aí contigo, alguma coisa pra me dar
Se tem espaço de sobra no seu coração
Quer levar minha bagagem ou não?*
(Dois – Tiê)

A melodia da chuva me convence a visitar o Lago Municipal e deixar que a pancada de água esconda as lágrimas que insistem em percorrer o meu rosto desde que fui abandonado às vésperas do meu casamento. Enquanto a beleza da natureza acalma o meu coração, o Sol surge por entre as nuvens, e eu fecho os olhos por alguns instantes para apagar da memória os resquícios do sofrimento. Passou da hora de deixar o passado para trás e aceitar que o amor não faz parte do meu vocabulário.

Nem nunca fará.

Em um passe de mágica, porém, como se uma fada surgisse disposta a conceder um desejo entre as araucárias, o inesperado acontece:

— Posso me sentar com você?

— Ah... — a abordagem repentina me deixa sem jeito —
Sim, fique à vontade.

— Prazer, meu nome é Helena.

— Dante — digo em um sussurro quase incompreensível.

...

Dois meses depois...

Há dois meses não imaginava a proporção que aquele encontro inesperado ganharia com o tempo, tampouco que Helena me mostraria que o amor não apenas faz parte do meu vocabulário como da minha existência.

Hoje tudo é diferente. O silêncio entre nós é interrompido apenas pelos trovões de uma tempestade de verão. Muitas coisas aconteceram nos últimos tempos, porém, ao admirar a figura feminina, vejo apenas indiferença em seu rosto de pele alva. Não parece a mesma com quem dias atrás dividi uma garrafa de vinho chileno em um dos vários momentos inesquecíveis que vivemos juntos.

Agora isso parece não importar, mas o pior é saber que não há o que fazer.

Quando a convidei para tomar um café, queria que um encontro desprezioso quebrasse o gelo que vem nos afastando, mas de nada adiantou. Era como se ela estivesse ali por obrigação e sua indiferença a qualquer comentário me faz permanecer calado.

O silêncio me faz questionar em que ponto tudo começou a desmoronar e percebo que foi ao revelar os meus sentimentos. Sabendo que ela não queria se envolver, não deveria esperar reciprocidade, mas como explicar ao coração a predestinação à rejeição? Como explicar que quem devolveu a minha alegria em viver não retribuiria o sentimento? Aparentava ser uma missão tão impossível quanto digerir as palavras que saíram da sua boca:

— Por que você destruiu nossa história insistindo na imagem de moço apaixonado? — senti um aperto no peito ao ouvir sua pergunta. — Quando nos conhecemos, acreditei que seríamos amigos... e talvez, por criar essa expectativa, você se tornou uma grande decepção.

Seu tom de voz atraiu a atenção de todos que estavam na cafeteria. Tentei resgatar a sua calma lembrando os nossos planos e sonhos para o futuro, mas isso bastou para ela se irritar:

— Nunca tivemos planos ou sonhos juntos, Dante! Tudo não passou de ilusão da sua cabeça!

— Você está sendo injusta e vai se arrepender por ser tão infantil.

Tão logo conclui a frase, Helena disse de modo irônico:

— Infantil?! — ela gargalhou. — Você é como todos os homens!

Encarei seu rosto na esperança de ver que tudo era da boca pra fora, porém a testa franzida refletia apenas raiva. Antes que eu pudesse argumentar, ela jogou o resto de seu cappuccino frio em meu rosto e se levantou, partindo sem olhar para trás. Estava disposta a ir embora e não mais voltar.

Ainda sem saber como reagir, sequei meu rosto com um guardanapo e esperei alguns instantes para compreender o incompreensível. Essa deveria ser uma brincadeira muito sem graça do destino, pois não era possível que o encanto se auto-destruísse a ponto de tudo virar nada.

Enquanto refletia sobre o que ocorreu, senti os olhos das pessoas na cafeteria me encarando; elas pareciam todas surpresas e curiosas, por isso me senti tão humilhado como no

dia em que avisei aos meus convidados que não haveria mais casamento.

Isso era tão doloroso quanto ver Helena pela janela caminhando sob a forte chuva.

A vontade de gritar o seu nome se opôs à necessidade de entender como o jogo virou; os meus olhos marejados eram provas de que não estava preparado para o fim. Precisei do que pareceu uma eternidade para tentar compreender em que momento errei, mas não demorou e cheguei à conclusão de que deveria correr atrás dela para não me arrepender. Embora precisasse de coragem, não tinha nada a perder.

Ao sair para a rua, não pude evitar olhar para o céu nublado e pedir a proteção de Deus. Orando em silêncio, corri por alguns metros até dobrar a esquina em uma avenida, onde pude ver Helena distante, correndo como se fugisse de um agressor. Continuei apressado e quando finalmente a alcancei, chamei por seu nome. Ela estava sem fôlego e parada em frente a um antigo casarão dos tempos dos barões do café:

— Sai daqui! — respondeu em prantos.

— Quero apenas que me ouça, não precisa dizer nada...

— Sai daqui, Dante!

Sem ousar tocar em seu ombro, ignorei suas palavras e me coloquei em sua frente.

— Quando nos conhecemos, você disse que não aconteceria nada entre nós... Menti a mim mesmo ao afirmar que meus sentimentos estavam sob controle...

— Dante...

— ...mas quanto mais próximos ficávamos, mais me apaixonava por você. Com você me reaproximei de Deus e me livre

das minhas angústias. Eu passei a me amar! — Helena se rendeu e finalmente toquei suas mãos. — O amor que sinto por você me transformou em um novo homem.

— Por que está fazendo isso?

— Não posso te deixar ir embora sem dizer que te amo.

— Dante, você acabou de sair de um quase casamento. Tem certeza de que superou a sua dor e de que me ama?

— Sim, eu te amo. Jamais duvide disso. Mas não tenho culpa por você não me...

Helena soltou suas mãos das minhas e tocou o meu rosto com a barba por fazer.

— Não complete essa frase, por favor — ela me encarou suspirando antes de jogar seus cabelos loiros e molhados para trás, desviando o olhar. — Você precisa entender que...

— Shiu... — a interrompi, acariciando as cicatrizes em seu rosto. — Não diga nada.

— Não posso permanecer calada... Não seria justo com você.

— Lembra quando conversamos sobre o futuro? Você disse que em alguns anos poderíamos estar juntos, mas que ainda não era o momento. Concordei em não apressar as coisas. O que eu quero é que supere o mal que o desgraçado causou, mesmo que essas cicatrizes nunca te deixem esquecer o que ele fez. Confie em mim e não vá embora. Fique ao meu lado, por favor...

— Ficar seria correr o risco de um dia você me abandonar. Não quero ficar sozinha com o terror das lembranças. Além disso, você merece uma mulher que não tenha traumas e que seja linda, sem cicatrizes...

— Você é linda e não quero outra mulher, Helena. Quero apenas você e seria incapaz de te abandonar.

— Mas eu não posso...

— Quantas vezes já lhe disse que após o temporal vem a calmaria? Basta esperar a chuva passar. Estou disposto a aguardar o tempo que for preciso por você...

Com um sorriso acanhado, ela pareceu se dar por vencida. Poderia não declarar, mas algo me dizia que se deu conta de suas emoções e resolveu aceitar o que sente sem pensar nas consequências.

— Promete?

Assim como no dia em que revelei meu nome, sua pergunta saiu como um sussurro enquanto minha resposta se deu em um abraço apertado. Palavras eram dispensáveis se podíamos transmitir sentimentos através de gestos de carinho e amor. Foi pelo abraço que confirmei a promessa de esperar Helena. Com o meu apoio, ela voltaria a acreditar no amor e realizaria o seu sonho de criar uma ONG para ajudar mulheres vítimas de agressões físicas. Ainda haveria de ignorar as cicatrizes por todo o corpo, causadas por um ex-namorado revoltado com o término, para não voltar a ser perturbada por essas marcas sempre que se olhasse no espelho.

Quando fiz minha promessa, declarei estar disposto a provar que, diferente dos traumas, o amor não precisa ser deixado para trás. Em hipótese alguma. Que demorasse anos se fosse preciso, mas com o tempo mostraria a ela que o amor transforma vidas...

Assim como transformou a minha quando, ainda envolvido por seu abraço, a chuva passou e deu lugar à calmaria.

No princípio, agora e sempre... amor



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Dois” (Tiê)*

Por você

*Toda vez que a noite cai,
eu me lembro de você...*

*E as estrelas no céu a brilhar
o teu rosto junto ao meu.*

(Serenade – Reação em Cadeia)

Em minhas orações e em meus mais *íntimos desejos*, sempre quis te encontrar e soube que quando isso acontecesse, fosse cedo ou tarde, você se tornaria o singelo sinônimo de felicidade e a única certeza da minha existência. A única certeza de que a felicidade poderia existir até mesmo para mim e que estaria refletida somente em você.

Num dia, eu te encontrei.

Sem que ninguém nos apresentasse, encontrei, em meio à multidão, aquela que um dia se fez viva em minha diária oração. Só não esperava que estivesse destinado a te encontrar, por isso, sem querer, deixei o destino aprontar mais uma de suas travessuras. Nada fiz para impedir o nosso desencontro e deixei que ele simplesmente te levasse... Apenas por não acreditar em minhas forças para te convencer a ficar.

Num dia, esperei que fosse possível te reencontrar.

Como se tivesse uma nova chance, logo eu te reencontrei. Neste momento, quando os meus olhos castanhos se cruzaram com os seus, tive a sensação de viver o que não vivi ja-

mais; a hesitação deu lugar à coragem por enxergar uma luz no fim do túnel... uma luz que se acendeu quando as nossas mãos se entrelaçaram, os nossos corpos se envolveram para um abraço casto e, sob as brilhantes estrelas do céu, o primeiro beijo selou o que estava destinado desde o início dos tempos.

Assim, desejei que a partir daquele dia novos capítulos fossem escritos por nós dois. Para nós dois. Com os pequenos detalhes me fazendo sorrir, não havia outro lugar onde pudesse estar e não havia outro em que eu quisesse estar.

O que passou a me importar foi te ter em meus braços, implorar por seus beijos e transformar em realidade, sem que eu nem ao menos soubesse, o antigo sonho de viver ao seu lado. Foi assim que senti, dia após dia, a necessidade de viver o hoje, o amanhã e o sempre com a mesma intensidade de eternos enamorados que esperam a proteção divina antes de marcarem para a eternidade os íntimos desejos de encontrarem o amor. O mesmo que em você eu encontrei.

Foi assim que um dia, em oração, simplesmente agradei a Deus.

Agradei porque eu te encontrei e nada mais me importava.

Agradei por ter o que realmente importa.

Eu apenas agradei...

Agradei por você!



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Serenade” (Reação em Cadeia)*

Pela eternidade

*Uma homenagem ao meu tio-avô Antônio
Zeneri, combatente da Segunda Guerra
Mundial.*

Francolise, Itália. 09 de julho de 1945.

A alegria dos soldados brasileiros era intensa, mas não afetava o meu coração estraçalhado pelas sequelas da guerra que destruiu a minha vida. Enquanto eles comemoravam a vitória e a viagem de volta, conseguia apenas me perguntar como começaria a minha vida sozinha.

Por um momento, a morte me pareceu uma opção lógica, afinal, essa seria a última noite ao lado de Lucca. Se soubesse o epílogo dessa história, teria evitado o nosso encontro na noite em que os alemães se renderam. No entanto, ao desviar o olhar para ele, eu me arrependi do pensamento pessimista. Era ali mesmo que gostaria de estar: observando o homem que cuidou das minhas feridas e secou as minhas lágrimas na noite de término da guerra para a Itália.

Por não controlar os caminhos traçados pelo destino, agora lágrimas de tristeza percorrem meu rosto diante do enfrentamento de uma nova despedida. Seria egoísmo pedir que ele ficasse? Será que abandonaria tudo para ficar com uma estrangeira que se apaixonou no instante em que sentiu o amor, ao tocar pela primeira vez os lábios de um homem?

Sem respostas para os meus questionamentos, devia aproveitar o tempo que nos restava na certeza de que o meu conto de fadas não teria um final feliz. Não reclamaria. Embora tenha visto a morte de perto, se Deus me impediu de cruzar o caminho manchado de sangue e destruição, Ele deveria ter algo especial para mim, mesmo que fosse longe de Lucca. Nesse caso, deveria compreender e aceitar as escolhas que não foram traçadas por mim... mas por alguém maior.

Não era o meu desejo, porém me contentaria em deixar o amor eternizado apenas em meu coração.

Em meio a esses pensamentos, apreciava as montanhas distantes e a tonalidade alaranjada do crepúsculo, mas fui surpreendida pelo tom grave da voz de Lucca:

— Por que essa expressão triste, Milene? — ele se sentou ao meu lado.

— Estou cansada da viagem — era uma mentira necessária. — É estranho pensar que atravessei o país com estrangeiros.

— Nós somos brasileiros com alma italiana!

— Vocês são os libertadores do nosso povo — argumentei.

— Vamos deixar o papo de lado. Tem algo que preciso dizer a todos.

Não era possível deixar o papo de lado. Aqueles homens deixaram de se alimentar para os civis não passarem fome e repartiram a água tanto com mulheres quanto com crianças, tratando todos de maneira igual, mesmo os inimigos que seriam capazes de matar cada um em um piscar de olhos. Lucca Ricci foi além ao me convidar para atravessar a Itália em busca de uma nova vida. Mesmo com a tristeza da despedida, precisava agradecer a esse homem antes que o mar nos separasse, mas

o seu entusiasmo me deu a certeza de que o agradecimento poderia ficar para depois.

— Amigos, preciso fazer um comunicado.

— Precisa ser agora? — um dos seus amigos mais próximos perguntou, visivelmente inconformado.

— Veja essa paisagem, Zeneri: a tonalidade incomum do céu, as flores colorindo o jardim, a calma das pessoas que não se importam com a nossa festa. Nem parece que o país foi cenário de uma guerra. Esse é um sinal de que é o momento ideal, você sabe disso.

— Ah, então é isso o que você quer fazer! Meus amigos, ele finalmente tomou a decisão mais acertada! — Zeneri abriu os braços em euforia e todos gritaram em uníssono, de modo que fiquei sem entender absolutamente nada.

— Vamos por partes! — ele tomou minhas mãos. — Mile-ne, você deve se perguntar o motivo de eu ter usado minha influência militar para te trazer conosco. A resposta é muito simples.

— Do que você está falando? — questionei apreensiva.

— Quando nos encontramos, seus olhos demonstravam uma tristeza que jamais vi em toda a minha vida, mas me encantei por sua beleza mediterrânea — os seus dedos tocaram minha face e não evitei o sorriso ao ouvir suas palavras. — O seu sorriso me deixa em êxtase, fico encantado com seus cabelos negros esvoaçados pelo vento e sinto uma alegria imensa por te ter ao meu lado. Dizem que esse sentimento é assim mesmo; surge de onde menos esperamos. No meu caso, surgiu em meio ao caos de uma guerra...

— Eu...

— Não diga nada — seus lábios tocaram minha testa antes de prosseguir. — Milene, gostaria de te convidar para ir ao Brasil comigo. Quero te fazer esquecer todas as dores causadas pela guerra e imagino que o melhor seja recomeçar longe daqui.

— Você está dizendo...

— Quer recomeçar sua vida no Brasil?

Transbordei de alegria por mais uma vez ele reacender a chama da esperança ao demonstrar que era possível acreditar no ser humano. A calmaria invadiu os meus pensamentos e as angústias se estilhaçaram como se uma bomba as destruísse.

Era a bomba da surpresa ao ouvir palavras que me deixaram sem reação.

Minhas mãos estavam pousadas sobre o peito como se acalmassem as batidas desesperadas de um coração acostumado com a dor e a solidão. Pela primeira vez em dezenove anos, vi que era possível ser feliz mesmo sem algumas peças do quebra-cabeça da minha existência.

Era um momento mágico e todos mereciam algo além do meu silêncio:

— Pensei que esta fosse a nossa última noite juntos e fiquei entristecida. Era como se uma parte de mim estivesse sendo arrancada a cada segundo que a nossa despedida se aproximava...

— Isso é um sim?! — Zeneri me interrompeu.

— Sim, eu aceito recomeçar a minha vida no Brasil com você, Lucca.

Os gritos eufóricos embalaram o meu coração quando nossos lábios se encontraram para um beijo que tinha um significado diferente. Não era um beijo que permaneceria poucos instantes em nossa memória por ser apenas mais um; era o verdadeiro

início de nossa história, mesmo sem ele dizer que ficaríamos juntos.

— Ainda tem algo que preciso fazer — Lucca sussurrou, acariciando o meu rosto —, mas preciso que você espere aqui.

A surpresa causada pelo convite não superava a curiosidade do que estava por vir, no entanto, isso não impediu que meus olhos se focassem no caminhar desajeitado de Lucca. O meu sorriso era inevitável... Depois de tantas incertezas, via o futuro com outros olhos por acreditar na possibilidade de deixar o passado em seu devido lugar.

Enquanto ele não voltava, ignorei o papo dos homens que continuavam celebrando a volta para casa; deveriam estar fazendo planos para o futuro ou conversando sobre as pessoas que reencontrariam nas próximas semanas.

Tudo isso era insignificante!

Só me importava que Lucca voltasse ao meu encontro e revelasse o que de tão importante precisava fazer. Desejava me envolver em seus braços, tocar os seus lábios mais uma vez, sentir o calor do seu corpo junto ao meu e ser invadida pelo perfume que instigava os meus desejos carnis. Queria que ficasse ao meu lado pela eternidade.

Tudo era tão intenso que parecia estar em uma redoma, isolada de todos que pudessem estragar aqueles bons momentos. No entanto, os devaneios se desvaneceram com um estrondo que me tirou do mundo dos sonhos e me devolveu à dura realidade. Era como se voltasse a protagonizar o pior dos meus pesadelos ao ouvir o som inconfundível de uma explosão.

A conversa dos soldados foi interrompida por gritos de desespero e todos nós corremos em busca de respostas, agarra-

dos à esperança. Senti como se meu coração estivesse saindo pela garganta apenas por imaginar o pior. A distância era curta, mas uma eternidade se passou antes de eu chegar a um descampado onde encontrei Lucca deitado no chão com ferimentos graves. Era o resultado de uma mina terrestre da guerra.

— Lucca! — soltei um grito carregado de dor.

Quando me aproximei, senti minha garganta presa em uma sensação sufocante. Precisava que alguém me acordasse do pesadelo de ver Lucca estirado ao chão com a farda manchada do sangue que jorrava de seu peito e a face com uma expressão de dor.

Sem saber como agir, pousei sua cabeça em meu colo e acariciei o rosto com a barba por fazer delicadamente, como se pudesse aliviar sua dor. Seus amigos tentaram estancar o sangue, embora o desânimo deixasse claro que a sobrevivência de Lucca era quase impossível. *Não perdi*, porém, a esperança; seria injusto me dar por vencida no mesmo dia em que ele me devolveu a fé sem pedir nada em troca.

Era preciso acreditar até o fim!

— Mãezinha...

Por um instante pensei que estivesse orando, mas o seu olhar de clemência era a prova de que enxergava outra pessoa ao encarar o meu rosto coberto por lágrimas.

— Mãezinha... — ele engasgou com as próprias palavras — Onde estamos?

— Não diga nada, Lucca.

— Não posso morrer, mãezinha. Eu preciso voltar para Mile-ne. Vou pedir a sua mão com as mesmas alianças que o *babbo* te entregou.

— Fique calmo... Tudo vai passar.

— Eu a amo, mãezinha.

— Ela também te ama, Lucca — declarava os meus sentimentos pela primeira vez e isso me deixou emocionada.

— A senhora precisa conhecer a Milene. Ela é um verdadeiro amor de pessoa.

— Saiba que você salvou a vida dela, mas foi além ao conquistar o seu coração. Ela é muito grata a você, mas agora descanse...

O tom suave da minha voz o acalmou e sua respiração ficou lenta até o resquício de vida que existia ali ter se extinguido. Tinha a consciência de que sem ele o meu futuro voltava a ser uma incógnita, mas a nossa história ainda reservava a mais incrível surpresa proporcionada pela vida.

Os soldados me deixaram sozinha e permaneci apertando as mãos sem vida do homem que amava. Quando pousei seus braços ao lado do corpo, vi flores sobre a poça de sangue de mais uma vítima da guerra. Foi nesse momento em que compreendi: ele não estava apenas delirando. Havia um pequeno envelope ao lado do ramo, que abri com cuidado para encontrar um bilhete e duas alianças. Assim que peguei o papel, encontrei a caligrafia desgrenhada e não evitei o sorriso ao ler suas palavras:

*Amore, mi vuoi sposare?*¹

¹ Amor, quer casar comigo?

Amor Efêmero

O meu olhar se desvia para longe, evitando o encontro com aquela em que um dia acreditei ser o amor da minha vida. Hoje, porém, sem que eu possa entender o porquê, não passa de uma ilustre conhecida. A angústia de não entender como tudo chegou ao fim é o meu impedimento de sorrir e de tentar encontrar a cura para a dor sentida desde o dia da sua partida.

Apesar de tentar esquecer o que passou, ainda me lembro com nitidez do dia em que minhas pernas bambearam ao descobrir que o destino havia sorrido para mim. Depois de tanto esperar orando a Deus a cada novo dia, finalmente estava frente à mulher que tanto desejei. Assim, um largo sorriso se estampou em meu rosto quando seus olhos cor de mel iluminaram o que antes era dor, mágoa e escuridão.

Era ao lado dela que gostaria de estar, *para sempre e todo sempre, num eterno altar.*

Isso porque, mesmo sem pedir licença, ela entrou em minha vida e transformou tudo o que antes era incerteza, ensinando o sentido de viver e o verdadeiro significado da palavra amor. A partir de então, nossa história começou a ser escrita sem muito esforço; como em um passe de mágica. Dessa forma, a cada novo dia, conversa ou risada, meu coração se encheu tanto de alegria quanto de esperança de que ao lado dela tudo seria diferente e especial.

Com o tempo, as brincadeiras de dois eternos adolescentes deram lugar aos planos adultos para uma vida a dois. Parecia loucura, mas estávamos planejando o ninho de amor dos sonhos, pensando no nome dos nossos filhos, nos animais de estimação de nosso sítio e nas inesquecíveis viagens de amor (*para Roma, por favor!*) e diversão (*Disney, sim senhor!*).

Tudo parecia eterno, mas como em uma travessura do mal-amado destino, de repente se acabou e deixou apenas a incurável angústia causada por solidão, desespero e saudade. Ah, a saudade... saudade do que foi pensado e não vivido; sonhado e por ela descartado; planejado e, por nós dois, desperdiçado.

No instante em que decidi ir embora, o desespero bateu em minha porta e me deixou sem saber o que fazer para recuperar este amor efêmero, perdido sem explicação. Foi por me perder em sofrimento e desesperança, sem ter forças para lutar por um final feliz, que hoje desvio o meu olhar ao passar por ela, evitando pensar que o amor bateu em minha porta, mas o deixei ir embora por me sentir capaz de demonstrar o porquê deveria ficar ao meu lado e não se importar com mais nada!



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Até o fim” (Rosa de Saron)*

Verdadeira Essência

*Eu me tornei você tão cedo,
Quando senti teu coração,
Batendo junto ao meu
Como se fosse o meu.*

(Entre Teus Dedos – Reação em Cadeia)

O que via por minha câmera parecia de outro mundo. Mesmo com minha experiência como fotógrafo, nunca havia me emocionado ao ver a alegria de uma pessoa posando para fotos e poderia considerar essa a melhor sensação em tantos anos de profissão.

Através da lente, pude ver minha namorada se sentindo bem pela primeira vez. Eu lamentava nunca ter tido a chance de captar a essência da sua alma. Era como se Camila estivesse se guardando... não o corpo que tanto a incomodava, mas o que existia de mais belo em seu interior e causador de uma paixão que mudou a minha vida.

— Levante um pouco o rosto, minha garota.

Camila fez exatamente isso. Apoiada nas grades de um co-reto, levantou levemente uma de suas pernas, elevou o olhar e sorriu com sinceridade. Aquela era a pose perfeita! Disparei uma série de cliques, guardando para a eternidade a imagem que causava o brilho em meus olhos. Ao fundo, a paisagem poética de uma pequena capela gótica, cercada por ipês flo-

ridos e envolvida pelo céu alaranjado do entardecer, tornava o momento ainda mais mágico.

O cenário contribuía para a perfeição, mas de nada adiantaria se a modelo não fizesse sua parte. Meu argumento poderia ser suspeito, porém a beleza de Camila estava próxima de ser divina e isso precisava ser registrado. No entanto, o ensaio por pouco não aconteceu: não fosse uma crise de ciúmes que quase nos levou a uma discussão, dificilmente a teria convencido. Camila sempre foi teimosa e, por mais que insistisse que adoraria fazer fotografias suas, ela encontrava desculpas para recusar os convites.

Mesmo quando tudo era perfeito, Camila se entregou aos seus receios e desmanchou o sorriso, relaxando os ombros e desistindo dos planos para o fim da tarde. Era sempre assim: sem qualquer motivo, uma crise era capaz de estragar o belo companheirismo da nossa relação. Por incrível que pareça, porém, dessa vez era capaz de entender o que sentia... Em seu lugar, talvez também não gostasse que meu namorado fotografasse mulheres nuas para revistas masculinas.

O problema era Camila imaginar que eu era capaz de abandonar a minha companheira. A prova de que isso a incomodava era a tristeza que se estampou em seu olhar. Sabendo que o silêncio permaneceria, apenas me aproximei e acariciei sua pele macia como se isso silenciasse suas dúvidas sobre os meus sentimentos. No fundo entendia sua insegurança e que a falta de autoestima causava seus medos. Por isso precisava mostrar que estava errada, principalmente sobre si mesma. Ela precisava entender que eu era um profissional e que a amava como

se fôssemos um só; como se as batidas dos nossos corações precisassem estar em sintonia para continuar vivo.

Pensando em fazer com que compreendesse os meus sentimentos, tive uma ideia que me pareceu genial. Camila jamais voltaria a se menosprezar. Eu usaria o que melhor faço na vida para mostrar a ela o seu charme; faria a minha companheira se sentir a mulher mais bela que um dia existiu. Só precisaria cuidar da sua ida ao meu estúdio e o convencimento não foi difícil.

• • •

Quando chegamos, Camila foi insistente em perguntar o que estava planejando. A princípio pensei em desconversar, no entanto, logo revelei a ideia:

— Vamos produzir um ensaio sensual.

— Está louco?! Ninguém iria querer ver fotos sensuais de uma gorda como eu!

— Ninguém precisa ver, mas fique sabendo que as modelos *plus size* estão populares e você vai se libertar do padrão em que erroneamente acredita. Isso vai te fazer muito bem.

— Eu...

— Podemos começar?

Ela relutou, mas assentiu disfarçadamente, como se tivesse dúvidas e ainda assim confiasse em mim. Por isso não evitei o sorriso, mesmo sabendo que precisaria de calma para ajudar a minha modelo com o nervosismo, que se manifestou tão logo acendi os equipamentos de iluminação.

A experiência me dava a certeza de que seria necessário tempo para que relaxasse e compreendesse a sua relutância em deixar os medos de lado. Assim, seria fácil se entregar às lentes que captariam cada detalhe do seu corpo e tudo o que transmitisse com um simples olhar.

Quando ela finalmente se sentiu segura, a magia aconteceu.

Se antes Camila parecia não saber como reagir, aos poucos transmiti tranquilidade para que se sentisse à vontade, o que aconteceu naturalmente. Ela estava se sentindo mais feminina, encantadora e irresistível, como se conhecer a própria sensualidade a fizesse esquecer o que a incomodava sempre que se olhava no espelho.

Essas sensações surgiram pelos gestos que transformaram o sorriso tímido em expressões que a valorizavam como mulher. Isso lhe fez tão bem que ela desabotoou por conta própria a sua camisa de seda vermelha, revelando a lingerie escarlate. Quando a peça de roupa caiu ao chão, ela afastou as alças do sutiã dos ombros, deslizando suas mãos em direção à cintura e se livrando também do jeans branco, nem se importando com as celulites. Quando pedi um olhar atraente, direcionou os olhos para a lente, de modo que pude captar suas curvas e a felicidade em seu rosto.

Entre sorrisos e olhares distantes, Camila transmitiu o que sempre buscava em minhas fotografias: a verdadeira essência de quem ficaria paralisada no tempo em fotos que carregavam mais do que uma imagem.

Carregavam sentimentos!

Sem ser vulgar, ela estava se redescobrando e sua forma de agradecer foi correndo em minha direção. Com um sorriso lar-

go, envolveu meu pescoço com um dos braços e levou seus lábios ao encontro dos meus para um beijo que permaneceria marcado em minha memória.

— Eu te amo!

Suas palavras soaram como música aos meus ouvidos; agora ela enxergava sua beleza angelical. Porém, interrompi Camila com outro beijo, tocando suas mãos e acariciando sua pele, enquanto era invadido pelo delicado perfume adocicado que gostava de usar. A intensidade do momento era a prova de que deveríamos nos entregar ao amor, no entanto, isso jamais poderia acontecer se não combinássemos com os inconvenientes da vida. A confirmação veio com um barulho que desviou nossa atenção.

— Pai?! — Camila soltou e nossos olhares se direcionaram à porta do estúdio.

Há tempos pensava em conhecer a família dela, contudo, esse não era o momento ideal.

— Bem que me avisaram sobre essa cena — com os olhos arregalados de surpresa e decepção, ele gritava. — Posso saber o que está fazendo com a minha filha?

Ele se aproximou furioso e me empurrou contra os equipamentos de iluminação, que foram todos ao chão. Não tive tempo de reagir antes que pegasse um pedestal caído e desferisse vários golpes contra o meu corpo. Senti o corte em minha pele, porém a dor física não poderia ser comparada à emocional que senti na sequência.

— Pai! Ele...

— Coloque uma roupa, Camila. Agora!

— Senhor, posso explicar...

— Cale a boca, seu desgraçado! — ele me deu as costas e puxou a filha pelos braços, ignorando a sua dificuldade em se vestir. — O que eu fiz de errado? Uma filha obesa se envolvendo com um negro. Um negro imundo ainda por cima?!

— O senhor está me machucando, pai!

— Eu não merecia essa decepção. Não merecia...

Tive vontade de responder com a mesma grosseria. Quis puxar Camila de seus braços e impedir esse homem de tratar quem eu amo daquela forma. Ela não merecia ofensas gratuitas de quem deveria a amar e proteger sem medir esforços, porém logo vi a situação com outros olhos e resolvi permanecer calado.

Passei a compreender o motivo de ela se importar tanto com as aparências.

Era um mal de família.

Um mal irremediável, que sequer foi deixado de lado para um pedido de desculpas pelo improvável mal-entendido. Esperei longas semanas por uma explicação que jamais aconteceu. Foi da pior maneira possível que percebi não existir nada de angelical naquela a quem dediquei horas na tentativa de fazer se enxergar com outros olhos.

Hoje vejo que esse foi um grande erro. Tal decepção amorosa acabou me mostrando que Camila sentia vergonha por eu ser negro. Ironicamente ela, que sofria as consequências de não se enquadrar nos padrões dos preconceituosos, era apenas mais uma a aceitar suas imposições.

Seu problema não era a autoestima ou o amor-próprio; era a falta de amor pelo outro. Talvez o meu amor pelo próximo seja seu melhor remédio, pois ainda sou capaz de amar a moça

No princípio, agora e sempre... amor

que um dia se mostrou tão feliz diante das minhas câmeras.
Apesar de tudo...



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Entre teus dedos” (Reação em Cadeia)*

Diga apenas sim!

Abrir seus olhos e fazer você enxergar quem eu sou. Abrir seus olhos pra você gostar de mim como eu sou.

(Abrir seus olhos – Charlie Brown Jr.)

— Você é tudo o que eu sempre quis.

— Eu não consigo sentir mais nada por ninguém...

— Não diga nada, por favor. Apenas olhe nos meus olhos...

Com as poucas palavras em sua voz rouca, ele impulsivamente evitou ser dispensado por aquela que desde o início de seus tempos está no lugar mais íntimo de seu coração. Há anos esperava por esse momento e agora apenas precisava declarar tudo o que sentia.

Seja o que Deus quiser, pensou.

Em sonhos, ainda se lembrava bem do dia em que a conheceu numa cena típica do mais belo conto de fadas. Ela estava formosa em um vestido de cetim, dançando entre as flores de um colorido jardim, acompanhada de borboletas que seguiam seus movimentos em uma sintonia perfeita. Eles dançaram juntos nesse plano, mas quando enfim se encontraram no mundo real e seus olhos se cruzaram pela primeira vez, o homem percebeu que aquela mulher era a resposta de todas as suas orações.

— Não aguento mais esconder esse sentimento.

— Não faça isso... — ela suplicou em um sussurro.

— Você é o amor da minha vida e sempre será.

Cinco anos antes, ele chegou à conclusão de que ela, com toda a sua delicadeza e bondade, era o grande amor da sua vida. Não lhe importava mais nada; não lhe importava mais ninguém. Sabia que, por ironias incompreensíveis e inacreditáveis do destino, poderia se esbarrar em outras mulheres, mas nenhuma seria capaz de reacender nele a chama do amor.

Ela será sempre a garota dos meus sonhos, repetiu diariamente desde então.

Foi assim que percebeu o porquê de a frase que disse, encarando aqueles olhos cor de mel, fazer tanto sentido a ele... e faria também aos poetas românticos que vislumbraram nas estrelas os seus versos de amor. O que sentia era um amor que ultrapassava a barreira das sensações carnis; era um amor baseado única e exclusivamente no sentimento de paz de observar o sorriso singelo estampado em seu rosto. Poderia não tocar os seus lábios, tampouco sentir o calor do seu corpo, mas ela seria para sempre a sua grande inspiração, como Beatriz foi um dia para Dante e Carolina para Machado.

— O amor verdadeiro é aquele em que não há sofrimentos... — disse e permaneceu por alguns instantes em silêncio, como se isso causasse mais impacto em suas palavras. — Com você nunca há dor... nunca há lágrimas... nunca há sofrimento... apenas alegria e nada mais.

— Mas eu não sinto o mesmo...

Sua vontade era dizer que isso não importava; não naquele momento... Tudo o que gostaria era de declarar suas vontades e tentar, de alguma forma, mostrar a ela o quanto podiam ser

felizes juntos. *Basta você embarcar nessa aventura ao meu lado*, queria dizer, embora no fundo soubesse que talvez este não fosse o momento. Não ainda! Ao mesmo tempo, no entanto, seu coração dizia ter passado da hora de verbalizar os sentimentos que permaneceram resguardados por tanto tempo.

Seu maior receio era de que aquela vontade absurda de falar fosse efeito das muitas taças de vinho que beberam nas últimas horas. Não queria correr o risco de estragar a noite maravilhosa que estavam compartilhando ou a forte amizade que construíram com o passar do tempo. No entanto, depois de esperar por longos anos sem questionar, inclusive vendo a amada quase diariamente com outro cara, estava na hora de fazer o que um dia, também por um receio bobo, deixou de fazer.

— Sou loucamente apaixonado e nunca deixei de pensar em você.

— Pare, por favor...

— Quero concretizar essa paixão ao seu lado.

— Pare...

Sempre imaginou essa resposta, mas isso não era suficiente para lhe fazer desistir. O seu coração pulsava por ela com tal intensidade que apenas reforçava o desejo que um dia teve: de provar que eles estavam destinados a ficar juntos por toda a eternidade, apesar de todo o tempo que pudesse ser necessário.

Por isso estava mais do que na hora de abrir seu coração e esperar, de braços abertos e com um largo sorriso, por uma resposta diferente que finalmente os unisse, comprovando o

que todos — amigos, parentes, colegas e desconhecidos — afirmavam categoricamente: *eles foram feitos um para o outro*.

— Quero descobrir o mundo ao seu lado, hoje e sempre.

— Mas...

Não era esse caso, mas se um dia encontrou em seus pensamentos algum resquício de dúvida, qualquer um se calou no instante em que percebeu que se não fosse ela, não seria mais ninguém. Até tentou encontrar seu rosto em alguém, porém tudo o que sentiu por outras pessoas era insignificante; a mulher era um ímã que atraía todas as suas ideias e, como o próprio nome revelava, seria a única doçura capaz de preencher o peito dele de boas sensações causadas pelo amor.

Ela precisa compreender o que sinto; precisa entender que tudo é real em mim. Essa mulher precisa abrir seus olhos para esse amor e aceitar a redescoberta da felicidade ao meu lado. Os pensamentos dele estavam um verdadeiro turbilhão... um turbilhão de emoções que provavam como não adiantava fugir dos gritos desesperados de sua alma, que clamava pela chegada do dia em que a amada se tocaria da reciprocidade entre eles.

— Quero apenas uma chance de te fazer feliz!

— E eu não quero prejudicar a nossa amizade.

Ele então pegou as mãos delicadas da mulher e repetiu o carinho que vinha fazendo, vez ou outra, desde a primeira taça de vinho. Também a puxou para um abraço apertado antes de acariciar seus cabelos exatamente como na primeira vez em que se viram; estavam sentados no coreto de uma praça. Se anos atrás queria tirar uma pequena folha que se perdeu em meio aos seus fios, sua intenção agora era passar confiança com as carícias e os abraços, como se fosse o bastante para fazer com

que o percebesse como homem tanto quanto ele a via como a mulher-maravilha que salvaria sua vida da solidão.

Seus mais infinitos sonhos se resumiam a ela. Queria ser capaz de conquistar o amor da amada e construir, ao seu lado, toda uma história que os levaria ao altar da mais bela igreja ou de um grandioso castelo, como em um verdadeiro conto de fadas escrito pelo mais romântico dos escritores, onde ele seguraria novamente em suas mãos e prometeria a felicidade eterna de um casal de apaixonados.

— Prometo que você vai ser feliz ao meu lado. Apenas aceite se entregar a...

— Eu não posso... não sinto nada e não quero que isso estrague a nossa história.

— Podemos construir esse amor juntos!

— Mas...

— Por favor, dê uma chance de a gente pelo menos tentar...

— E se a gente falhar?

— Tentamos de novo. E de novo... e mais uma vez...

— Você não tem medo de sofrer?

— Tenho medo de te perder. Isso causaria um sofrimento ainda maior.

— O que você quer que eu diga?

— Sim... diga apenas sim... E nada mais

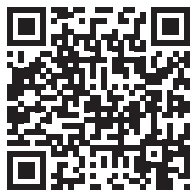
— Eu...

— Por favor!

— Então você promete que vamos tentar juntos?

— Sim, eu prometo... E você, aceita esse amor?

— Sim... Eu aceito...



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Abrir seus olhos” (Charlie Brown Jr.)*

Te encontrar em sonhos

Naquela tarde que te encontrei, o mundo parecia somente eu e você... Não podia ser melhor.

(Vidas que se encontram – CPM 22)

Talvez eu te encontre apenas em sonhos.

Em todas as noites em que te encontrar, juro solenemente aproveitar cada instante ao seu lado como se a sua presença fosse o ar que respiro e um órgão vital para a minha existência. Se um dia me perguntarem por que o meu sono tem sido demasiadamente longo, prometo não revelar que você é a única e verdadeira culpada. Digo mais: prometo te declarar inocente em nome da minha vida e da existência de todos os deuses do amor.

Talvez eu continue te encontrando em sonhos.

Assim, lembrarei de que nada mais teve qualquer valor em minha humilde e sem graça existência desde a primeira vez em que te encontrei, o que não me impediu de acordar sorrindo. Isso porque, conhecendo como a conheço, sei que não é preciso muito para que um sorriso farto desperte em seu rosto. Sempre terei a certeza de que em algum lugar dessa cidade você também estará sorrindo, celebrando a vida e valorizando os mais simples acontecimentos que seus olhos presenciarem.

Talvez nunca mais deixe de te encontrar em sonhos.

Dessa maneira, mais uma vez lembrarei da noite em que meus sonhos lúcidos me levaram até você. Ali, presos no meu inconsciente, possuo uma recordação viva de termos nos encontrado em ruas que nos levaram ao mar; foi a partir daquele instante em que tudo pareceu se resumir a nós dois. Não importava mais se no mundo real estávamos em sintonias diferentes, tampouco se existia apenas uma chance irrisória de nossas histórias se encontrarem longe dos sonhos.

O que importava era apenas ter os sonhos de uma noite de verão; nada podia ser melhor do que nos encontrarmos neles...

Mas talvez não queira mais te encontrar nesses lugares impalpáveis por me lembrarem do que eu gostaria simplesmente de ignorar: do medo de mais uma vez acordar e não a encontrar ao meu lado da cama, pronta para protagonizar em vida as mesmas cenas dos meus mais incríveis sonhos. Afinal, ao despertar, vou me lembrar da tempestade que atrapalhou os nossos planos para aproveitarmos o mar, mas que ao mesmo tempo nos levou de volta para o aconchego de um lar... Lá, gargalhamos por nos lembrarmos da nossa correria ao fugir da chuva, sem imaginar que naquele instante, abraçados e com os nossos corpos molhados, finalmente iríamos perceber que estávamos ali para que nossas vidas se encontrassem em definitivo; foi assim que seus olhos me disseram o que eu tanto gostaria de ouvir sem que precisasse falar, automaticamente me obrigando a direcionar meus lábios ao encontro dos seus...

Contra a minha vontade, simplesmente precisei acordar...

Por isso talvez não queira mais te encontrar no mundo dos sonhos...

No princípio, agora e sempre... amor

Para quem sabe, assim, estimular as nossas vidas a se encontrarem no nosso mundo ideal: real!



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Vidas que se encontram” (CPM 22)*

Dicionário da Saudade

*Ela tá longe, sinto falta dela também, se não é
amor, eu não sei o que é, meu bem.*

(Meu Bem – NX Zero)

Desde a sua despedida, a alegria deu lugar à tristeza, a luz deu lugar à escuridão e o sorriso deu lugar às lágrimas. Desde então, a palavra *saudade* ganhou um novo significado, como se nem o próprio idioma, em sua variedade linguística, pudesse expressar o verdadeiro sentido desse sentimento que aperta o meu peito e me sufoca.

Com a sua despedida, tudo se resume ao vazio e ao nada; isso é sinônimo de *saudade*.

Hoje, a saudade machuca pelas lembranças de tudo o que vivemos e o que não vivemos juntos. São memórias de um futuro planejado em meu estado puro de emoção e desprezado não uma, mas várias e várias vezes, por seu estado de infinita racionalidade... O vazio de um amor sem recíproca serve como termômetro de uma angústia que me envolveu lentamente como um câncer pronto para me consumir por completo.

E consumiu!

O câncer do amor destrói a esperança de reencontrar a felicidade que um dia existiu em meu ser, reafirmando o motivo de por muito tempo estar entregue ao doloroso calvário de um estado depressivo sem fim. Destruói a bondade e a necessidade

de servir ao próximo, criando em mim um monstro de coração gélido, assim como acaba com cada resquício da vontade de celebrar a vida, restando em minha alma nada além da autodestruição.

Não por menos, aliada à doença do amor, a saudade me leva a questionar a minha existência; questionar os meus sentimentos. Não sou um adolescente despreparado para lidar com a rejeição, no entanto, sou um homem em desespero tentando compreender o meu lugar no mundo... tentando, acima de tudo e a todo custo, compreender o que sinto por você.

As respostas que busco, contudo, permanecem uma incógnita. São essas sensações que me matam por dentro e me mostram, quase sem querer, que se *saudade* não é *amor*... Ah, eu realmente não sei o que é...

Saudade: *s.f.* 1. sentimento que estilhaçou o meu coração em mil pedaços no dia em que você foi embora com a promessa de nunca mais voltar; 2. o motivo de lágrimas percorrerem o meu rosto todas as noites quando me entrego à tristeza e à solidão, que me impedem de te afastar dos meus pensamentos.



*Acesse o QR Code e conheça a música
"Meu bem" (NX Zero)*

Talvez Gabriela

Eu sonhei, quis você, mesmo sem lhe conhecer.

Não lhe toquei e você, sabe meu nome?

(G.A.B.I. – Reação em Cadeia)

Talvez *Gabriela* soe como música aos ouvidos de Deus.

Ao ouvir o seu nome e se lembrar de que foi a mais perfeita criação divina, Ele perceberá que Gabriela era a única palavra capaz de descrever com exatidão alguém especial como você. Afinal, é forte como o seu nome e isso se nota ao admirar o olhar marcante que tem, capaz de transformar a minha vida como se nela estivesse presente diariamente e não apenas como um contato virtual que ganhou espaço em meus sonhos sem nem nos conhecermos.

Talvez Gabriela seja o nome que direi todas as noites antes de dormir.

Não como um mantra ou oração qualquer, mas como forma de agradecimento por ter sido aquela que mesmo sem saber acalantou as minhas dores quando cheguei ao fundo do poço e não tive outra escolha a não ser me apegar... fiquei apegado a uma ilustre desconhecida, que fez aquilo que mais ninguém ousou tentar fazer. Digo mais: ainda o fez com êxito, como se de fato fosse a sua missão.

Talvez Gabriela possa ser a companheira de hoje e sempre.

A mesma que protagoniza um sonho maluco em que estamos juntos como grandes amigos e como se as únicas palavras que tivéssemos trocado no mundo real não fossem sem qualquer significado; não fossem incapazes de nos transformar nestes companheiros que passam horas conversando, contando seus dramas e planos, para no fim do dia dividir uma garrafa de vinho ou uma cerveja bem gelada, se assim preferir.

Talvez Gabriela se transforme na resposta para todas as minhas perguntas.

Afinal, se um dia perdi o sono por não compreender as linhas tortas escritas por quem a criou com maestria, no dia seguinte encontrei as palavras nas suas publicações que me fizeram levantar madrugada afora, lavar o rosto e olhar para o espelho disposto a não mais me render antes da hora. Isso apenas me fez reencontrar em você a paz que tanto almejava.

Talvez Gabriela se torne o sinônimo perfeito de intensa e ilimitada admiração.

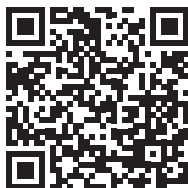
O que me levaria a fazer o impossível para despertar o seu sorriso largo, que mesmo preso em uma foto é capaz de contagiar aqueles que a desconhecem. Ou então repetir a longa caminhada que fizemos juntos nos meus sonhos e nos divertimos como se não houvesse amanhã; como se a nossa união fosse a única coisa que realmente importasse... Por isso não ligaria de ouvir uma moda de viola ao seu lado apenas para ter a certeza de que não deixei passar nenhuma oportunidade de te fazer feliz. Afinal, isso seria o mínimo que alguém que a admira e quer o seu bem seria capaz de fazer, buscando a sua felicidade sem medir esforços.

Talvez Gabriela possa um dia compreender a sua importância em minha vida.

Quando esse dia chegar, lembrarei que este texto foi o início de algo muito bom... para nós dois. Ou quem sabe vá além, impedindo que o acaso nos coloque novamente em frequências diferentes, ignorando que hoje não passamos de meros desconhecidos com nada em comum.

Talvez Gabriela seja aquela a quem dedicarei toda a minha vida.

Ou talvez não...



*Acesse o QR Code e conheça a música
"G.A.B.I." (Reação em Cadeia)*

Eu odeio te amar

Eu odeio te amar desde o primeiro dia em que te vi.

Sorri feito um bobo apaixonado quando te encontrei e me encantei por sua beleza realçada pelos traços que revelam a força da sua personalidade. Era uma tarde de sábado e, embora não imaginasse o que o destino estava preparando para nós, odiava amar o seu sorriso e o tom da sua voz, que me inebriaram no instante em que nossas histórias se cruzaram.

Como seria possível não me apaixonar por quem transformou os meus dias, sempre monótonos, em momentos para serem lembrados por toda a eternidade?

Minha vida pode ser dividida em antes e depois da sua chegada, porém duvido que seja capaz de compreender a mudança que causou em meus desejos e ambições. Hoje estou muito melhor, de um modo que não imaginei ser possível, e tudo graças ao que existe de melhor em mim.

Você!

Ainda me lembro da primeira vez em que conversamos e da primeira troca de olhares; seria incapaz de esquecer o seu jeito único de mexer o cabelo e o caminhar que tanto me seduz... Ora, eu me lembro do beijo não roubado, do abraço apertado e dos planos ainda não realizados, porém você é o espelho de tudo o que sempre sonhei e algo me dizia que não poderia me apaixonar.

Por isso eu odeio te amar.

Odeio te ter em meus sonhos mais românticos e saber que não sou nem o coadjuvante dos seus. Odeio ainda mais saber que você se fecha ao amor, automaticamente nos impedindo de protagonizar um verdadeiro conto de fadas, em que nossas loucuras se completariam e nos levariam ao mais feliz dos finais felizes.

Odeio saber que sofreu e que sou incapaz de te devolver a vontade de amar, mas saiba que eu tentei de tudo o que estava ao meu alcance. Tentei mostrar a você o romantismo que mantive guardado por todos esses anos, apenas esperando encontrar alguém que merecesse cada gesto, palavra e emoção por trás do meu amor infinito.

Eu odeio te amar, porém prefiro pensar que, nas páginas do destino, o ódio um dia dará espaço apenas para o amor.

Que assim seja!

Luta pela liberdade

14 de maio de 1951

Uma estranha sensação de impotência me dominou ao adentrar o quarto gélido e encontrar meu irmão Edgard com o rosto inchado, percebendo hematomas por todo o corpo dele. Ainda queria compreender como um ser humano pôde ser capaz de espancar um semelhante feito um animal em um abatedouro, mas meus pensamentos estavam em turbulência e naquele instante nada fazia sentido.

A madrugada estava apenas começando quando uma enfermeira me parou em um dos corredores do hospital para avisar que Edgard havia sido encontrado, às margens do rio que corta a cidade, inconsciente e completamente ensanguentando. Ela estava desesperada por ser a interlocutora de uma má notícia a um dos médicos plantonistas da noite, porém, entre um gaguejar e outro, esclareceu que a polícia ainda estava no local analisando os detalhes que pudessem explicar o ataque cruel sofrido por meu irmão.

Quando ela concluiu, foquei meu olhar em sua face e busquei um sinal de que tudo não passava de uma brincadeira. Uma brincadeira de muito mau gosto, aliás. No entanto, não foi o que encontrei em sua expressão e isso me deixou abalado.

Sempre acreditei na impossibilidade de uma cidade que respirava paz e harmonia ser cenário de um crime bárbaro, mas esse pensamento se desfez no momento em que parei ao lado

do leito de Edgard e olhei o seu corpo imóvel como se estivessem se esgotando todas as energias que o mantinham vivo.

Essa era a primeira vez que ficava ao lado dele desde que chegou ao hospital. Por mais que desejasse acompanhar todos os procedimentos, meus colegas me impediram de agir, afirmando que não seria bom para nenhum de nós dois. Agora posso compreender: não conseguir fazer nada para curar as feridas do caçula certamente me levaria a cometer erros.

Na atual situação, erros poderiam ser fatais.

Apesar de estar acostumado a ver uma pessoa entre a vida e a morte, nada se compara ao sentimento de incerteza sobre o estado de saúde de um familiar. Os meus colegas médicos garantiram a sua recuperação, mas me lembro de que por diversas vezes disse o mesmo aos familiares de muitos pacientes apenas pelo receio de falar a verdade: o fim estava próximo!

Em minha cabeça, só conseguia pensar que o feitiço havia virado contra o feiticeiro: era como se o meu inconsciente estivesse entrando em um jogo para me derrotar, usando as minhas próprias armas à sua disposição.

A falta de fé também parecia ser um grande problema. Os familiares costumam orar, mas como poderia fazer isso se não acredito em forças superiores capazes de realizar milagres após pedidos sussurrados em meio ao desespero? Restava apenas esperar, contudo, não demorou até duas leves batidas na porta chamarem a minha atenção. Ao desviar o olhar, logo me deparei com o delegado local entrando no quarto e segurando um paleto sobre os ombros.

— Com licença, doutor Barros. Como ele está?

— Delegado, fique à vontade — aponte uma poltrona do lado oposto do quarto, pedindo que se sentasse. — Ele não está nada bem. Edgard levou muitas pancadas na cabeça.

— Sinto dizer que as pancadas nem foram o pior... Quer dizer... algo pior poderia ter acontecido.

— Como assim? Tem alguma novidade sobre o caso?

— Seu irmão só foi encontrado com vida porque um andarilho, vagando pela região, viu quando Edgard foi cercado por vários homens. Ele não pôde fazer nada para evitar o ocorrido. Se tivesse interferido, agora também seria uma vítima.

— Vá direto ao ponto, por favor.

— Eles chegaram a abrir uma cova para enterrar o seu irmão vivo... — sua resposta veio como um golpe certo, fazendo meu estômago embrulhar só de imaginar o que Edgard passou. — Como posso dizer... Ao que tudo indica, a ideia desses covardes era a de que a vítima sofresse antes de vir a óbito...

— Você só pode estar de brincadeira! Quem teria motivos para fazer isso?

— Ainda não conseguimos identificar os responsáveis por essa barbárie. Temo dizer que possivelmente estavam de passagem pela cidade para a inauguração de uma nova biblioteca.

— Edgard estava lá, faria uma apresentação musical.

— Sim. Aparentemente esse é o motivo mais provável para o crime.

— Isso não faz sentido algum! Apenas intelectuais e políticos importantes participaram do evento. O meu pai inclusive contribuiu para essa inauguração.

— Por isso trabalho com a hipótese de que adversários políticos do seu pai estejam envolvidos. Talvez tentando provocar

uma intimidação ou simplesmente uma humilhação... — ele fez uma pausa significativa como se não soubesse concluir o raciocínio. — Mas também pode ser consequência de outra situação... bastante incomum.

Olhei espantado para o delegado. Ele parecia escolher cuidadosamente cada uma de suas palavras. Aquilo não fazia qualquer sentido e tudo se transformou em um emaranhado de informações sem nexos, deixando meus pensamentos em um estado total de confusão. Continuei sem compreender absolutamente nada até o homem estender uma de suas mãos e entregar um exemplar de um jornal local.

— Acredito que deveria ler a coluna social do jornal de hoje. Tudo indica que muitas perguntas poderão ser respondidas a partir desse texto.

O tom grave da voz do delegado não me deixou ter a ilusão de que encontraria algo insignificante. Estava claro, pelo seu olhar preocupado, que o assunto era mais sério do que imaginava até então. Isso se confirmou quando folheei as páginas e rapidamente me deparei com uma matéria em destaque que relatava todos os acontecimentos da noite anterior.

Conforme o meu mundo desabava, meus pensamentos se voltaram completamente ao meu pai. Ele deveria estar acordando sem saber que o seu çacula estava entre a vida e a morte. Poderia apostar todas as minhas fichas em que para ele esse nem era o maior dos problemas.

• • •

Apesar da curta distância entre o hospital e a casa dos meus pais, localizada na avenida que leva o nome do fundador da cidade, a sensação era a de que não chegaria nunca ao meu destino. Tentei acelerar meu Cadillac, porém o esforço era em vão. O percurso não demorava mais do que alguns minutos, mas pareceu uma eternidade e tudo pelo medo da reação do meu pai ao acordar e ler o jornal, como costumava fazer todas as manhãs durante o café.

Quando cheguei ao casarão de esquina, abri a pesada porta de madeira e me deparei com o silêncio sepulcral tomando conta do ambiente. Por alguns instantes fiquei aliviado pensando que todos ainda dormiam, mas bastou acessar a sala de jantar no fim do corredor principal para me deparar com meu pai sentado em seu lugar de costume, na cabeceira da mesa, e minha mãe do lado oposto.

Ao me ver, ela se apressou em secar as lágrimas e se levantou para me recepcionar com o mesmo abraço de sempre, como se nada diferente tivesse acontecido. Meu pai, também como de costume, permaneceu indiferente e com o olhar perdido em um quadro dos seus avôs pendurado na parede.

Minha mãe não demorou a pedir que me sentasse. Serviu um generoso pedaço de bolo de laranja e uma xícara de café sem açúcar, porém, antes que pudesse tentar saborear um pedaço do bolo, ela se sentou ao meu lado, tocou minha mão e perguntou com a voz embargada:

— É verdade o que estão dizendo sobre o seu irmão?

— Do que a senhora está falando, mãe? — achei por bem me fazer de desentendido; nada me levava a crer que sabiam toda a verdade.

— O monsenhor saiu daqui não faz dez minutos e nos contou que seu irmão sofreu um acidente.

— O monsenhor esteve aqui?!

— Por que o espanto?

— Apenas achei estranho; ou se esqueceu de todas as brigas entre meu pai e ele?

— Esse é o problema de envolver política e religião — respondeu, não perdendo a chance de alfinetar o marido, que sempre a repreendia por dar tanta atenção aos líderes religiosos —, mas não fuja da minha pergunta: é verdade o que ele nos disse?

Ao confirmar que o monsenhor estava dizendo a verdade, senti uma sensação de alívio e ao mesmo tempo tive nojo de mim mesmo. Era inaceitável estar aliviado por dar essa notícia sabendo que Edgard estava entre a vida e a morte, mas o alívio era por entender que as futuras consequências poderiam ser enormes.

— Como ele ficou sabendo?

— Ele celebra a missa todos os dias na capela do hospital, você se lembra?

— Ah...

— Como seu irmão está, Ângelo? O que aconteceu com ele?

— Calma, mãe. Está tudo bem — menti.

— Eu preciso ver o meu filho!

Ela certamente desmaiaria se visse Edgard naquele estado, mas antes que encontrasse palavras para tentar tirar essa ideia da sua cabeça, a voz autoritária do meu pai soou pela primeira vez:

— Você não vai a lugar nenhum! Saia daqui, mulher! Preciso conversar com Ângelo.

— Mas Cristóvão...

— Saia daqui, Sara! — meu pai gritou.

Apesar de todas as desavenças que existiam entre eles, essa era a primeira vez que o via levantando a voz para minha mãe. Por mais que no mundo político fosse visto como um homem autoritário e de difícil convivência, dentro de casa ele nunca deixou de ser um verdadeiro cavalheiro, incapaz de falar daquele modo com um membro da sua família. Ainda mais sua esposa!

Aquele não era o Cristóvão Barros que conhecia.

Não querendo contrariar o marido, minha mãe nos deixou a sós sem pestanejar. Ele apenas esperou ouvir o barulho da porta do quarto para questionar, com uma expressão de ódio estampada em sua face:

— Você sabia sobre o seu irmão?

— Claro que sim, acabei de sair do meu plantão. Uma enfermeira me avisou assim que...

— Tenho cara de idiota, Ângelo?! Você sabe muito bem que estou falando dessa palhaçada em que ele se meteu — antes de concluir suas palavras, com um tom de voz irritado, jogou o jornal amassado sobre a mesa.

Meu coração parou por alguns instantes: *ele sabe de tudo!*, pensei.

— Não, soube apenas quando o delegado veio ter comigo...

— Sempre soube que essa história de ele se tornar músico não daria certo. A capital está cheia de artistas que se acham os donos do mundo, pensando que podem criar novas leis e costumes. Malditos sejam esses anarquistas desgraçados!

— O senhor não está preocupado com o estado de saúde do seu filho?

— Só tenho um filho e, pelo que estou vendo, você está muito bem de saúde, pela graça de Deus, nosso Senhor.

— Não, pai... O senhor tem dois filhos e um deles pode morrer a qualquer momento por ter sido brutalmente espancado. Sabia que os bandidos abriram uma cova para que fosse enterado vivo?

— Pois deveriam ter feito isso, eu seria capaz de pagar uma boa recompensa a eles. Isso também pouparia o trabalho dos coveiros do cemitério.

— Larga mão de ser tão frio, meu pai. Edgard é o *seu filho*!

— Me respeita, garoto! Ou serei obrigado a te encher de sopapos...

— Está me ameaçando?

— Aliás... — ele me interrompeu — isso era o que deveria ter feito a Edgard para ele aprender a ser gente!

O seu tom de voz se elevou mais uma vez ao mesmo tempo em que se levantou revoltado, jogando copos e talheres ao chão, sem se importar com o valor familiar que todos os objetos da casa representavam para a nossa família.

— Você se esqueceu de todas as histórias que contei sobre seus bisavôs? Eles sofreram muito antes de desembarcarem no Brasil. Eram filhos de escravos norte-americanos, conseguiram dar a volta por cima e chegaram aqui para fazer a diferença. Quando a República foi proclamada, minha avó disse que um dia um negro e uma mulher ainda seriam eleitos presidentes do Brasil, algo que jamais conseguiriam na América. Graças a

peessoas como eles, tivemos um presidente negro. Ou você se esqueceu de Nilo Peçanha?

— Não, meu pai... — minha resposta saiu com tranquilidade. — Conheço todas as histórias e sinto muito orgulho do que nossa família fez por esse país, em especial por essa cidade, mas parece que você se esquece de que eles lutaram por liberdade. Todos batalharam para que pudessem dormir à noite sem medo de sofrerem ataques apenas por serem negros. Agora o senhor vai condenar o seu filho por também lutar pelos seus ideais? Onde está a coerência?

— Como já te disse, aquele moleque não é meu filho!

Sem olhar para trás, ele caminhou a passos largos até o quarto de Edgard, mas demorei a compreender a sua intenção ao me dar as costas. Edgard guardava em seu quarto seus instrumentos musicais, algumas verdadeiras raridades, entre as quais um violão que se orgulhava de ter recebido das mãos de Néelson Gonçalves. Se o que se passou pela minha cabeça se confirmasse, meu pai estava prestes a cometer um grande e injusto erro.

Para a minha tristeza, em questão de segundos aquela ideia se confirmou.

O barulho de madeira sendo quebrada revelou que meu pai estava disposto a destruir todos os instrumentos de Edgard. A confusão foi tanta que chamou a atenção da minha mãe. Ao ouvir o barulho, saiu do seu quarto e me encontrou no corredor sem saber o que fazer. Ela ignorou a minha falta de reação e entrou no cômodo desesperada:

— O que está fazendo, Cristóvão? Edgard tem um apreço muito grande por esses instrumentos.

— Nunca mais ouse falar o nome desse infeliz na minha casa! Está entendendo?

— Por que está falando assim?

Com o que sobrou do braço de um violão em mãos, ele saiu do quarto sendo seguido por minha mãe aos prantos. Quando voltou à sala de jantar, jogou o resto do instrumento sobre a mesa, desamassou o jornal e leu em voz alta, respeitando as vírgulas e os pontos, as ironias e os sarcasmos:

— A família Barros *protagonizou um escândalo sem precedentes* no início da noite de ontem. O vereador Cristóvão Barros, sempre autodenominando um homem íntegro, que fez sua carreira política à sombra das conquistas irretocáveis da sua avó, a primeira mulher negra a ter relevância política na cidade, precisará explicar os atos do seu caçula, o pseudo-músico Edgard Barros. Aliás, o primeiro fato a chamar a atenção na inauguração da nova biblioteca do município foi a ausência do estimado político. Se Cristóvão sempre lutou pela instalação de uma nova biblioteca, perguntamos o motivo de ele se ausentar nesse importante evento. *Seria vergonha do filho...* Ou apenas sabia o que Edgard pretendia fazer?

— O que isso tudo quer dizer, meu Deus? — minha mãe parecia aflita — Você não pode estar preocupado com uma matéria de jornal. O seu filho está em uma cama de hospital!

Ele não demorou a voltar a sua leitura, ignorando completamente a interrupção:

— O consenso em que chegamos é o de que Edgard *passou dos limites ao expor suas ideias liberais*. Durante a sua apresentação, teve a *ousadia* de declarar que, em seus anos na capital, aprendeu que o mundo passa por uma *grande revolução*. Segun-

do ele, a partir de agora o seu trabalho será dedicado apenas à luta pelo direito de liberdade. Mas se acalmem... Não pensem que estava falando da igualdade entre as classes sociais, como lutou sua bisavó. O que ele quer é o direito de homens e mulheres se casarem... com pessoas do mesmo sexo; uma blasfêmia que nem mesmo cidades à frente do tempo, como a nossa, seriam capazes de compreender. *Que dirá aceitar!*

— Como assim? — mamãe perguntou.

— O que dissemos não foi o bastante para perceber a loucura que esse músico de araque está planejando? — ele continuou a leitura, novamente não se importando com a confusão estampada no rosto da esposa.

— Cristóvão...

— Então se preparem, pois Edgard foi além: entre uma música e outra, quando as pessoas te deram as costas em protesto contra a *baixaria que a sua apresentação se tornou*, Edgard convidou ao palco um rapaz a quem chamou de *amor da sua vida*. Após um beijo entre os dois homens em um local cheio de crianças, deixando pais e mães envergonhados e sem saber o que fazer, o moçoila contou que os dois se conheceram durante uma sessão do filme *Minha música te seduz* e que eles pretendem se casar. Edgard Barros disse ter a certeza de que seu pai usará a sua influência e as amizades com os chefões da política nacional para aprovar um casamento dentro das leis. Será que Vargas aprovará essa *baixaria*?

— Não... não... não...

Ainda aos prantos, minha mãe caiu de joelhos ao chão enquanto seu marido continuava a leitura como se seu desejo, a essa altura, fosse apenas torturar a esposa.

— Ou será que o inabalável Cristóvão Barros *fará alguma coisa*? Se meu filho me faz passar essa vergonha, no mínimo o expulsaria de casa... Se é que não seria capaz de dar uma bela surra nele... Resta saber se o nosso amado político é capaz de impor limites! Conhecendo sua trajetória, imagino que não. O que é uma pena, se pensarmos no bem que isso faria para a moral das nossas famílias... As famílias tradicionais e verdadeiras da nossa terra não mereciam essa pouca vergonha... — concluiu a leitura.

— Isso é mentira!

— Não, Sara, essa é a mais pura verdade! E sabe o que significa? O fim da minha carreira política, o fim do respeito que essa cidade tinha por nossa família, o fim da história de uma família que meus bisavôs criaram com tanto esforço.

Minha mãe enterrou o rosto entre as mãos. No momento, não soube dizer se por vergonha do que acabara de ouvir ou por temer o que o marido seria capaz de fazer caso ela ousasse aceitar Edgard se envolvendo com outros homens.

Ver Sara Barros daquele modo me deixou sem reação. No mesmo instante fui até ela e a envolvi com os meus braços, como se isso a consolasse da mesma forma que sempre fez quando eu me machucava na minha infância. Acariciando sua pele, encarei o meu pai mais uma vez enquanto ele direcionava seus olhos para o quadro da parede. Só então esbravejei:

— O senhor enche a boca para falar que esse é o fim da sua família, mas não tenho dúvidas de que seus avôs apoiariam Edgard. Talvez não concordassem, porém jamais agiriam desse modo. O amor sempre prevaleceu na nossa família!

— É a última vez que digo para não tornar a falar o nome desse desgraçado na minha casa.

— Não se preocupe... *Esse desgraçado* de quem fala pode morrer a qualquer momento; nem por um milagre ele sobreviverá, então com certeza não voltará a te fazer passar vergonha!

Acabei me arrependendo das minhas palavras; sabia que meu pai estava falando tudo aquilo da boca pra fora. No fundo, queria acreditar que quando soubesse que Edgard poderia jamais voltar a entrar pela porta principal do seu casarão cantolando suas músicas favoritas, ele deixaria suas preocupações fúteis para trás.

Aquele deveria ser um momento de lembrar as coisas boas que Edgard nos proporcionou, contudo, meu pai não cansava de me surpreender:

— Pois então que morra e queime no fogo do inferno! — deixou a sala de jantar batendo a porta do quarto ao passar por ela.

Ao ouvir aquelas palavras, minha mãe enfim se entregou a uma tristeza ainda maior pela inevitável perda de um filho. Foi quando percebi que, diferente do meu pai, ela não se importava com nada daquilo — nem deveria! Que falassem o que quisessem sobre Edgard, mas continuaria sendo seu filho e ela o amaria apesar de suas escolhas e de ele contrariar o que a sociedade considerava certo. O que importava para nós dois era Edgard nunca ter dado motivos para absolutamente ninguém falar qualquer coisa a seu respeito.

Além disso, ninguém poderia dizer que a sociedade estava certa e meu irmão errado por simplesmente querer amar.

Amar e ser amado...

Com esses pensamentos, não pude ignorar a sinceridade das lágrimas que percorreram o rosto de minha mãe quando trocamos um novo abraço apertado. Foi a primeira vez que me deixei abalar pela situação.

Se os acontecimentos das últimas horas fizeram meu mundo desabar, tudo se intensificou com uma nova e inesperada reviravolta da qual não estava preparado para enfrentar: ainda abraçado à minha mãe, ouvi um forte estrondo vindo do quarto e aquilo me assustou como nunca antes na minha vida. Não foi preciso um único segundo para nós dois compreendermos o que Cristóvão Barros tinha acabado de fazer.

Mais tarde tivemos certeza de a família Barros ter sido destruída e que sem o depoimento do meu irmão, a polícia jamais descobriria a verdadeira identidade dos responsáveis.

A partir daquela segunda-feira, éramos apenas minha mãe e eu sobrevivendo apesar da tristeza causada a nossa família por um amor proibido...



*Acesse o QR Code e conheça a música
"Meu dilema (Violão)" (Nelson
Gonçalves)*

Último adeus

*Hoje eu falei pra mim, jurei até que essa não
seria pra você, e agora é...*

(Monomania – Clarice Falcão)

— Você pode me dar um autógrafo?

— O que está fazendo aqui?

— Eu não poderia perder esse momento.

— Não! Não, não, não... você não deveria estar aqui!

— Achei que ficaria feliz em me ver...

— Eu te amo, mas... bom, você escolheu se afastar e me bloqueou, lembra? Por que resolveu voltar? Você sempre soube que esse seria o dia mais importante da minha vida, por que está aqui?!

— Quero compartilhar esse momento com você. Estou muito orgulhosa!

— Eu não entendo...

— Nós nunca pudemos ficar juntos, mas você sempre foi muito importante, sou muito grata por ter te conhecido e...

— Não diga isso, por favor!

— Você sabe que é verdade! Eu não podia ficar com você, não com a minha vida toda bagunçada como estava... eu iria te fazer sofrer.

— Você acha que eu não sofri? Eu esperei... esperei por você e, de repente, descobri que está namorando... Agora está aqui, como se nada tivesse acontecido.

— Nunca pedi que me esperasse, não seja injusto comigo!

— Mesmo assim está aqui, como se nada tivesse acontec...

— Não estava pronta pra me envolver com você. Não queria te machucar, acredite em mim, por favor. Você sempre cuidou tão bem de mim, sempre me senti tão especial ao seu lado... tenho certeza de que você seria o melhor namorado do mundo e me faria feliz como mais ninguém, mas eu não queria te machucar. Não quero te machucar...

— E por que está aqui? Acha que não me machuca te ver no lançamento do meu livro?

— A sua musa inspiradora não merece compartilhar esse momento com você?!

— A minha musa pensou nisso quando me trocou?

— Não te troquei...

— ...

— ...

— ...

— *Para a mais bela filha de Afrodite, a princesa resplandecente do Olímpio...* A dedicatória do seu livro é tão linda. Você não cansa de me surpreender.

— Vai embora, por favor...

— Você pode me dar um autógrafo?

— Vai embora...

— Só quero um autógrafo! Acho que eu mereço, não mereço? Ora, eu sou a protagonista do livro!

— Por que você não volta para o seu namorado?

— Ele não tem nada a ver com isso!

— Eu...

— Não chore, por favor... Eu não quero que você...

— Vai embora... eu quero que você vá embora...

— Por que você escreveu esse livro pra mim e eu não posso estar aqui?

— Porque eu te amo e não aguento mais sofrer. Esperei a vida inteira pra te encontrar e sabe o que aconteceu quando nos conhecemos? Você deixou o seu maldito passado interferir na nossa relação! Sempre disse que confiava em mim, que sabia que eu te faria feliz e que eu seria o namorado perfeito, mas nunca aceitou o meu amor! E você também nunca me deixou partir; sempre que eu quis me afastar, você fazia o mesmo que agora... voltava como se nada tivesse acontecido.

— Você nunca quis partir, tanto que dedicou o liv...

— É verdade, eu dediquei o meu livro pra você, mas... cada verso, cada frase desse livro foi uma despedida. Eu preciso colocar um ponto final nessa história, porque não quero voltar a sofrer! E quanto a você... bom, você fez a sua escolha, deixa eu seguir com a minha, por favor...

— Você não me ama mais?

— Eu te amo, apenas não posso...

— Quer mesmo que eu vá embora da sua vida?

— Não! Quero que aceite que *you* fez uma escolha... uma escolha errada, é verdade, mas ainda assim uma escolha... e quero que me deixe seguir com a minha vida da mesma forma que você optou por seguir a sua com outra pessoa...

— Vim aqui porque achei que pudéssemos ser amigos!

— Eu não quero ser seu amigo, sinto muito.

— Não entendo o porquê de as coisas terem chegado a esse ponto para nós dois.

— Pois eu entendo... você...

— Não termine a sua frase, por favor.

— ...

— Você pode pelo menos me dar um autógrafo?

— Pronto. Agora vai embora!

— Obrigada... e me desculpa...

— Adeus...

— ...



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Monomania” (Clarice Falcão)*

À primeira vista

se eu te disser que foi amor à primeira vista, você acredita? não te culpo por não acreditar; nunca achei que isso pudesse realmente existir, mas também jamais imaginei que você pudesse existir.

a verdade é que com você tudo é diferente.

com você, o segundo sol chega para realinhar as ordens dos planetas, causando a desordem universal apenas para devolver a calma no instante em que você sorri;

e quando um sorriso se estampa em seu rosto, nada mais me importa, porque é de seus lábios que sai o sopro vital da existência;

de seus lábios sai o desejo de um beijo de amor e paixão; um beijo casto e de sedução.

em você encontro o desejo por um beijo de vida, porque você é ela.

é a única responsável por um dia eu sentir nascer poesia em mim, por isso eu te declaro culpada por conquistar este coração que hoje pulsa esperando pelo seu sim.

e este é um crime inafiançável, te juro.

te juro também que desgraçado é o homem que um dia te viu sorrir e não desfrutou da perfeição deste momento mágico, em que a tristeza desapareceu em meio ao perfume que emanou de sua pele.

azar daquele que pegou suas mãos delicadas e artísticas, mas não colocou um anel de ouro em seu dedo ou não te levou ao altar para ouvir de sua voz angelical o doce sabor do “sim”.

e azar o seu, que no acaso do destino conquistou, à primeira vista, o amor de um poeta que espera um dia ser feliz ao lado de quem se tornou a verdadeira e única musa de inspiração.

uma inspiração para a eternidade, porque só você é o agora e o eterno, a dama da beleza que perturbou a harmonia da vida por ser a única que importa.

a única vida que me importa.

e agora, se eu te disser que foi amor à primeira vista, você acredita, sim?



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Segundo sol” (Cássia Eller)*

Fio Vermelho

*Só ouvi dizer que quando arrepia já era, coisas
que eu só entendi quando eu te conheci*

(Ouvi Dizer – Melim)

Hoje as minhas marcas de expressão me denunciaram e o sorriso no canto da boca me impediu de negar que estou apaixonado.

Não sou mais capaz de esconder que a minha vida solitária se tornou uma vida a dois, mas eu entendo que para nós o melhor é manter tudo em segredo, omitindo do mundo qualquer resquício da nossa felicidade. Por isso eu prometo que os nossos sentimentos estarão trancafiados até o momento que o meu coração resistir, porém saiba que ele está prestes a explodir e talvez amanhã não seja mais possível esconder o quanto estou feliz, que fico arrepiado ao ouvir a sua voz ou sentir o calor da sua pele na minha.

A verdade é que todos já conseguem perceber que existe algo de muito especial acontecendo, no entanto, para o nosso bem, ninguém pode descobrir que tudo está relacionado a você. Azar de quem não tem o prazer e a alegria de pronunciar diariamente o nome real de uma princesa de verdade, pois este é o maior prazer da minha vida desde o momento em que nossos caminhos se cruzaram e percebi ser você tudo o que hoje me importa.

Se agora a minha vida se baseia ao seu nome, devo isso exclusivamente à doce voz e ao olhar sapeca que me encantaram quando te conheci. O amor que hoje habita em meu peito e faz o meu coração pulsar mais rápido é o resultado de uma vida inteira sonhando com nós juntos. Eu não imaginava que você chegaria por acaso, como em um presente inesperado do destino, finalmente unindo o fio vermelho que nos manteve unidos mesmo separados.

Por isso, quando me perguntarem se estou apaixonado e quem é a mulher que conquistou os meus sentimentos, vou continuar mantendo em segredo a sua existência, mas com a imensa vontade de anunciar ao mundo inteiro que nos encontramos e nada mais me importa, a não ser apenas existir ao seu lado numa tarde de domingo, com a certeza de que viveremos o nosso paraíso na terra sempre que nossos olhares estiverem em sintonia.

Hoje as minhas marcas de expressão me denunciaram e o sorriso no canto da boca me lembrou que nada mais me importa além de você.



*Acesse o QR Code e conheça a música
“Ouvi dizer” (Melim)*

Sempre...

Reencontro

Uma forte chuva caía sobre a agitada capital paulista, deixando o clima de um dos hospitais ainda mais pesado e triste. Em um dos quartos, pai e filha teriam a última conversa.

— Filha? — Alessandro chamou em seu leito, já sabendo que o fim estava próximo. — Quero te fazer um pedido e dessa vez será o último, eu te prometo.

— Credo, pai, não fale desse jeito — a mulher de pouco mais de trinta anos se levantou da poltrona em que estava sentada e se aproximou do pai. Acariciando a pele do homem da sua vida, ela continuou: — O senhor já está melhorando e logo estaremos em casa novamente.

— Não se iluda, minha filha. Todos nós sabemos que minha saúde já não é a mesma. A cada segundo sinto meu coração mais fraco. Quero morrer em paz e sabendo que você vai realizar meu último desejo. Você pode fazer isso por esse seu velho e cansado pai, não é mesmo?

A filha assentiu, não sabendo o que dizer para tirar aquela ideia da cabeça do pai. Ele era um homem teimoso e sua convicção de que iria morrer deixava claro que nada o convenceria do contrário.

— Quero... — o pai tossiu antes de prosseguir. — Quero que você me enterre com duas moedas de ouro.

— Duas? — a jovem perguntou. Ela sabia daquele estranho costume de sua família, no entanto, os parentes eram enterrados com apenas uma moeda. Aquele pedido era uma novidade.

— Sim, minha filha. Sei do costume, mas sinto que preciso fazer diferente. Você pode me prometer isso? — sua expressão era de dar pena.

— Se é isso o que você deseja...

— Obrigado. Agora vem dar um beijo em seu pai... — sem esperar que ele continuasse, a filha atendeu a mais esse pedido e deu um longo beijo em sua testa, seguido de um abraço caloroso.

Alguns minutos mais tarde, Alessandro começou a sentir fortes dores no peito e aos poucos perdeu a vida, acontecendo o que filha mais temia...

...

Bianca era uma das mais bem sucedidas empresárias do interior. Depois de passar a sexta-feira com fortes dores no peito e se recusar a procurar por um médico, ela estava reunida com a sua família assistindo ao último episódio de uma das novelas de maior audiência da história.

Durante a novela, seus familiares insistiram mais uma vez que deveria ser levada ao hospital, porém ela estava acostumada com suas dores e foi insistente ao decidir continuar em casa. Todos sempre diziam que precisava cuidar melhor de sua saúde, porém dona Bianca acreditava que tudo era o resultado de muito estresse em seu dia a dia.

Mesmo sabendo as consequências da rotina estressante, aquele dia foi diferente e ela precisou parar suas atividades para descansar. Não comentou nada com os filhos e netos, porém perceberia, tarde demais, que esse foi um grande erro, embora estivesse prestes a descobrir que o destino estava ao seu lado.

Ainda com as dores, dona Bianca não tirava os olhos da TV, onde acontecia o momento mais esperado de toda a novela. Depois de longos anos, a personagem principal se reencontrou com o homem por quem sempre foi apaixonada e selaram o encontro com um beijo intenso.

A cena emocionou a todos e lágrimas caíram dos olhos de Bianca. Em seus pensamentos, conseguia refletir apenas que viveu mais de meio século esperando reencontrar o grande amor de sua vida, porém essa não era repleta de finais felizes como nas novelas.

O casal ainda se beijava quando os créditos finais subiram pela tela. Tomada pela emoção, Bianca voltou a sentir a forte dor que a atormentou durante todo o dia. No entanto, algo estava diferente. Ela tentou pedir ajuda, mas suas ações eram em vão. Ainda viu seus filhos tentando prestar socorro, porém o coração estava deixando de bater lentamente.

Bianca não sabia, mas perdeu a vida poucos minutos depois do homem que amava também ter falecido, em uma cama de hospital, há muitos quilômetros dali.

Eles estavam separados pelo corpo, mas não pelo amor...

•••

Bianca e Alessandro se conheceram ainda na adolescência, porém não sabiam que suas histórias já estavam contadas nas linhas tortas do livro cuidadosamente escrito pelo destino.

Ele era o quinto filho de uma família pobre; ela, a primogênita de um importante político da época. Quando se apaixonaram, tentaram a aceitação de todos, mas a família de Bianca jamais aceitou o relacionamento e isso causou a separação carnal.

Apesar disso, o amor entre eles continuou intacto por toda a vida.

Após se afastarem, acabaram se dedicando aos seus sonhos sem imaginar que o reencontro ainda aconteceria. Os dois se casaram com pessoas por quem sentiam um carinho especial; não amor. Eles se amavam e isso nunca foi segredo para ninguém. Com seus parceiros, tiveram filhos e netos, formando famílias felizes.

Enquanto ele se tornou um renomado jornalista de uma das melhores revistas esportivas do país, ela era respeitada por ser uma empresária de muito sucesso. Embora fossem conhecidos no país inteiro, eles jamais voltaram a se encontrar.

Até a morte bater em suas portas. Como se tudo tivesse sido combinado, eles morreram no mesmo dia, com a diferença de poucos minutos.

Seguindo uma tradição de sua família e o seu próprio desejo, Alessandro foi enterrado com duas moedas de ouro em sua boca para que sua alma pudesse ser levada por Caronte, o barqueiro responsável por carregar os espíritos dos recém-mortos. Essa tradição não existia na família de Bianca, por isso, quando chegasse ao submundo, não poderia pagar por sua passagem

pelo rio Estige e teria de vagar pelas margens do lugar durante cem anos.

No entanto, suas almas pareciam estar destinadas e eles se reencontraram no mundo dos mortos pouco antes de Caronte chegar para realizar a travessia. O reencontro aconteceu ao lado de pessoas do mundo todo, em meio a um tumulto causado pelo medo do que estava prestes a ocorrer.

Bianca e Alessandro não se importaram com nada ao redor. Eles passaram a vida toda afastados e não poderiam deixar escapar a chance de ficarem juntos.

Enquanto ainda se aproveitavam do reencontro, em devaneio Alessandro percebeu que sua segunda moeda deveria ser usada para não deixar o amor se afastar novamente. Bianca teve medo de que isso acabasse prejudicando seu verdadeiro amor, porém chegaram à conclusão de que ficariam juntos de qualquer forma, mesmo que fosse vagando durante um século pelas águas do submundo. Só depois de refletirem sobre as consequências que ela recebeu a moeda das mãos de Alessandro.

Eles estavam preparados para pagar a passagem pelo rio Estige.

Os minutos se passaram e os dois continuaram ali enquanto esperavam por Caronte. As almas que os acompanhavam estavam impacientes quando uma barca pôde ser vista furando as águas paradas daquele submundo; ao se aproximar, todas notaram a silhueta cadavérica do homem que a remava.

Era Caronte.

A barca parou cuidadosamente às margens do rio e Caronte, um velho de aparência grotesca que vestia apenas um trapo preto, perguntou com sua voz cansada:

— Vocês são as novas pessoas que encerraram a vida naquele mundo estranho?

Alessandro havia explicado a todos o que estava prestes a acontecer, porém a maioria teve medo e permaneceu em silêncio. Ele foi o único a responder. O Barqueiro dos Mortos então disse:

— Aqueles que foram sepultados como pessoas dignas e tiverem uma moeda para pagar a travessia, subam de uma vez, pois a viagem é longa. Antes que me perguntem, quem não tiver a moeda... — ele fez uma pausa e gargalhou antes de concluir. — Nós nos encontraremos daqui a cem anos!

A gargalhada de Caronte ecoou enquanto Alessandro e Bianca subiam na barca feita de madeiras velhas que rangiam conforme se movimentavam. Eles foram os únicos a subirem. Alguns permaneceriam na margem do rio por não terem sido enterrados com dignidade; os demais não tinham como pagar a travessia.

A tradição de ser enterrado com uma moeda era comum na Grécia Antiga, contudo, apenas os supersticiosos ou aqueles que sabiam da história continuavam seguindo o ritual.

Depois de receber as moedas, Caronte estava preparado para partir e, sem delongas, o barqueiro voltou a remar sobre as águas do rio Estige sem imaginar como o casal conseguiu permanecer junto apesar de Bianca não ter condições de pagar por sua travessia.

Quando a barca se afastou da margem do rio, Bianca e Alessandro se beijaram de forma apaixonada. Depois de tanto tempo afastados, eles estavam felizes; sabiam que muitas vezes o destino traça caminhos difíceis de se compreender, mas ele nunca erra.

O destino sabe o momento certo de unir almas gêmeas, mesmo que seja na tristeza da morte... Afinal, nem ela é capaz de separar um verdadeiro amor...

Me leve agora!

Os meus olhos se abrem e encaram o quarto escuro. Incomodado com a forte dor de cabeça, tento refazer os passos que me trouxeram até aqui. Eu me lembro muito bem de estar enchendo a cara e insistindo que voltaria para casa apenas quando Thais estivesse me esperando, porém não estou em meu quarto e a prova é o cheiro de cigarro que invade o ambiente.

Entre um pigarrear e outro, perguntas se confundem em minha mente perturbada pelo abandono. Ouço passos e, sem temer as consequências, apoio as mãos no colchão, que fede a vômito e a urina. Eu me levanto enfrentando as dores em meu corpo, arrasto meus pés pelo chão molhado por um líquido viscoso e vou ao encontro do ruído cada vez mais próximo.

De repente, paro de supetão.

O ranger da porta de madeira desvia minha atenção e o breu dá lugar à penumbra. Um forte clarão me cega e sou obrigado a esfregar os olhos... a silhueta perfeita de uma mulher em um vestido negro sensual me surpreende. Ela caminha a passos lentos e não evito o sorriso ao perceber que Thais é quem vem ao meu encontro.

Face a face, encaro seus olhos verdes cobertos por lágrimas de decepção e o sorriso farto pelo qual me apaixonei outrora. Em um sussurro, ela questiona se aceito lhe acompanhar e estende suas mãos como se lesse meus pensamentos e soubesse a minha resposta:

— Sim, me leve agora! Não me deixe mais aqui sozinho, por favor. Me leve agora!

Com ela vou a qualquer lugar, por isso entrelaço meus dedos calejados aos seus e caminho ao seu lado sem perceber a foice que esconde por trás do seu corpo. Apenas quando sua pele macia se enruga e o perfume de jasmim ganha toques de podridão que percebo o que está acontecendo. Não há mais o que fazer, a não ser fazer companhia a ela para onde quer que esteja me levando...

...e esperar enquanto meu fim se aproxima...

Trilha sonora

Acesse o QR Code e conheça a trilha sonora do livro “No princípio, agora e sempre... amor”.

“Abrir seus olhos” (Charlie Brown Jr.)

“Até o fim” (Rosa de Saron)

“Contrato” (Jorge & Matheus)

“Cuida de mim” (Rosa de Saron)

“Desenho de Deus” (Armandinho)

“Dois” (Tiê)

“E sempre...” (Rosa de Saron)

“Entre teus dedos” (Reação em Cadeia)

“G.A.B.I” (Reação em Cadeia)

“Meu bem” (NX Zero)

“Monomania” (Clarice Falcão)

“Nossa música” (CPM 22)

“Ouvi dizer” (Melim)

“Segundo sol” (Cássia Eller)

“Serenade” (Reação em Cadeia)

“Vidas que se encontram” (CPM 22)

“Violão” (Nélson Gonçalves)



Agradecimentos

O lançamento de “No princípio, agora e sempre... amor” marca uma data muito importante em minha trajetória literária: os dez anos da minha primeira publicação. De lá pra cá, muitas coisas aconteceram e esse livro é o resultado das mudanças ocorridas nesse intervalo de tempo, por isso agradeço às pessoas que ajudaram a moldar o escritor que hoje habita em mim.

Ao Departamento de Cultura de Espírito Santo do Pinhal, por sempre acreditar na minha atuação literária e principalmente por encarar os desafios necessários para viabilizar a execução dos projetos da Lei Aldir Blanc. Nossa cidade é privilegiada por ter no poder público pessoas engajadas em realizar o melhor pela Cultura pinhalense e me sinto orgulhoso por já ter feito parte dessa equipe. Aos funcionários e diretores que passaram por este Departamento nos últimos dez anos, a minha eterna gratidão.

Àqueles que aceitaram de alguma forma participar desse projeto, em especial à E. G. Rissato, escritora e amiga das Letras, pela leitura crítica; à Bruna Mazarin e à Maria Fernanda Mazarin, por serem as melhores ilustradoras do mundo e por tão bem darem vida aos meus textos; ao Gilberto Martins Neto, pelo trabalho gráfico deste projeto; à Paola Pompeu, pessoa maravilhosa que a pandemia me apresentou para ler os meus textos; e à Jeni Viana, a amiga de longa data, revisora

e confidente, uma das melhores pessoas do mundo dos livros e da minha vida.

Aos amores e desamores, pela inspiração para cada um dos textos desse livro; bem ou mal, nada disso seria possível sem as garotas da minha vida.

À Bia, minha irmã, melhor amiga e confidente, minha parceira de sempre, que compartilhou comigo os momentos mais felizes e tristes de toda a minha vida, da mesma maneira que, acima de tudo, acompanhou de perto o surgimento e a realização do meu sonho de ser escritor.

Ricardo Biazotto

Ricardo Biazotto nasceu em Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, em 1993. Licenciando em Letras (Português e Inglês) pelo Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal (UniPinhal), atua como escritor, roteirista, contador de histórias e produtor cultural. É autor do livro “A maldição do mausoléu” (Metáfora Comunicação e Arte, 2021), obra publicada com o apoio do ProAC da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo.

Esta obra foi composta na tipologia Chaparral Pro e publicada digitalmente em abril de 2021.